



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

BIANCA DE FÁTIMA DOS SANTOS DIAS

**A LEITURA DE MUNDO A PARTIR DO RAP: COMPREENSÃO LEITORA E
ANÁLISE CRÍTICA DE ALUNOS/AS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
ALAGOAS**

**MACEIÓ / AL
2023**

BIANCA DE FÁTIMA DOS SANTOS DIAS

**A LEITURA DE MUNDO A PARTIR DO RAP: COMPREENSÃO LEITORA E
ANÁLISE CRÍTICA DE ALUNOS/AS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
ALAGOAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes.

MACEIÓ / AL

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

D541l Dias, Bianca de Fátima dos Santos.

A leitura de mundo a partir do rap : compreensão leitora e análise crítica de alunos/as do 9º ano de uma escola pública de Alagoas / Bianca de Fátima dos SantosDias. – 2023.

105 f. : il. color.

Orientador: Luiz Fernando Gomes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras.PROFLETRAS. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 62-64.

Apêndices: f. 65-78.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pelas oportunidades que me foram concedidas. A meus pais, Edson (in memoriam) e Gisélia pelo comprometimento com a educação das filhas. A meu esposo Edinho pela parceria e a meus filhos, Lara, Lucas e Levi pelo amor e incentivo. Amores, essa conquista é nossa.

RESUMO

O *Rap*, música que evidencia a voz da periferia e muito apreciado por adolescentes e jovens, ganhou espaço nas grandes cidades e tem se apresentando, para além de canção, enquanto um discurso de resistência dos sujeitos historicamente postos à margem da sociedade. Posto isto, este trabalho, que se debruça acerca de um contexto educacional relacionado à linguagem na vida real, como nos propõe a Linguística Aplicada, buscou trazer à baila da discussão a necessidade de que a escola contribua para a formação educacional e crítica-reflexiva do estudante. Diante disso, no que concerne ao contexto da pesquisa, destacamos que esta foi realizada nas aulas de Língua Portuguesa e com alunos de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Maceió. A escolha pela turma se deu pelo fato de a pesquisadora atuar como docente na referida instituição e vivenciar de perto as dificuldades que os alunos apresentam no tocante à leitura. Assim, enquanto problema de pesquisa, destacamos a falta de criticidade, dificuldade na compreensão de alguns tipos de textos e a inexistência de prazer com a leitura, que se apresentam cotidianamente nas aulas de Língua Portuguesa da referida turma. Dado o problema de pesquisa que norteia o trabalho, o objetivo de pesquisa corresponde a investigar a competência leitora dos estudantes por intermédio de letras de música. Assim, a pesquisa-ação aqui apresentada buscou propiciar uma experiência de intervenção didática, e, para tanto, tomou como base as seguintes questões norteadoras: (1) Como o estudo do *Rap* pode contribuir para aguçar a criticidade do aluno da educação do 9º ano? (2) Em que medida as letras de *Rap* podem ajudar no desenvolvimento da compreensão leitora desses alunos? (3) Que atividades de leitura, compreensão e análise de textos podem ser elaboradas no sentido de despertar o prazer, o interesse e a instrumentalidade propiciadas pelo ato e pela prática da leitura? Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, em que se adotou a abordagem da pesquisa-ação, cujo procedimento básico foi a realização de uma Sequência Didática (SD), composta pela escuta das músicas de *Rap*, seguida da leitura, análise e apreciação das letras, por meio de atividades que visavam principalmente à compreensão e à interpretação textual, assim como o gosto pela leitura. Além disso, utilizamos ainda questionários como instrumento de coleta de dados. A fundamentação teórica abrangeu o estudo do *Rap*, sua história, evolução e repercussão no atual cenário da cultura musical brasileira e alagoana. Para tanto, a premissa teórica se encontra fundamentada em autores como: Andrade (2000), Freire (2006), Loureiro (2016) e Souza (2011), além de estudiosos das teorias de leitura, compreensão textual e de prática de análise de textos: Antunes (2013), Bortoni-Ricardo (2010), Cafiero (2005), Carletti (2007), Silveira (2015), Solé (2015) e Villardi (1997), entre outros. Ao final desta investigação, foi possível constatar que o *Rap* pode ser uma significativa ferramenta pedagógica para as aulas de Língua Portuguesa, em especial no que diz respeito a uma participação efetiva dos estudantes frente ao processo de aprendizagem. Outrossim, embora a pesquisa tenha apresentados algumas limitações, percebemos, por meio dos debates realizados em sala, que os alunos puderam compartilhar opiniões, crenças e sua visão de mundo acerca dos temas dos *Raps*. Nesse sentido, destacamos ainda que a sequência didática voltada para o trabalho com o *Rap* proporcionou ao estudante, bem como ao professor envolvido no fazer pedagógico, grandes contribuições, seja no que diz respeito ao trabalho com a linguagem, seja no tocante à formação reflexiva por intermédio das problemáticas sociais apresentadas pelas músicas.

Palavras-chave: *Rap*. Leitura e Compreensão. Análise textual. Sequência Didática. Música Brasileira.

ABSTRACT

The Rap, music that highlights the voice of the periphery and much appreciated by teenagers and young people, gained space in the big cities and has been presenting itself, in addition to a song, as a resistance discourse of subjects historically placed on the margins of society. That said, this work, which focuses on an educational context related to language in real life, as proposed by Applied Linguistics, sought to bring up the discussion the need for the school to contribute to the educational and critical-reflective formation of the student. In view of this, with regard to the context of the research, we emphasize that this was carried out in Portuguese Language classes and with students of a 9th grade class of Elementary School of a public school in Maceió. The choice for the class was due to the fact that the researcher works as a teacher in the referred institution and experiences firsthand the difficulties that the students present with regard to reading. Thus, as a research problem, we highlight the lack of criticality, difficulty in understanding some types of texts and the lack of pleasure in reading, which are present daily in the Portuguese language classes of the aforementioned group. Given the research problem that guides the work, the research objective corresponds to investigating the students' reading competence through song lyrics. Thus, the action research presented here sought to provide an experience of didactic intervention, and, for that, it was based on the following guiding questions: (1) How the study of Rap can contribute to sharpen the criticality of the 9th grade student? (2) To what extent can Rap lyrics help in developing these students' reading comprehension? (3) What reading, comprehension and text analysis activities can be developed in order to awaken the pleasure, interest and instrumentality provided by the act and practice of reading? This is a qualitative research, in which an action-research approach was adopted, whose basic procedure was to carry out a Didactic Sequence (SD), composed of listening to Rap songs, followed by reading, analysis and appreciation of letters, through activities aimed mainly at understanding and textual interpretation, as well as a taste for reading. In addition, we also used questionnaires as a data collection instrument. The theoretical foundation covered the study of Rap, its history, evolution and repercussion in the current scenario of Brazilian and Alagoas musical culture. Therefore, the theoretical premise is based on authors such as: Andrade (2000), Freire (2006), Loureiro (2016) and Souza (2011), in addition to scholars of reading theories, textual comprehension and text analysis practice. : Antunes (2013), Bortoni-Ricardo (2010), Cafiero (2005), Carletti (2007), Silveira (2015), Solé (2015) and Villardi (1997), among others. At the end of this investigation, it was possible to verify that Rap can be a significant pedagogical tool for Portuguese language classes, especially with regard to effective student participation in the learning process. Furthermore, although the research had some limitations, we noticed, through the debates held in the classroom, that the students were able to share opinions, beliefs and their worldview about Rap themes. In this sense, we also emphasize that the didactic sequence focused on working with Rap provided the student, as well as the teacher involved in the pedagogical work, with great contributions, whether with regard to working with language, or with regard to reflective training through through the social problems presented by the songs.

Keywords: Rap. Reading and Comprehension. Textual analysis. Following teaching. Brazilian music.

RESUMEN

El rap, música que destaca la voz de la periferia y muy apreciada por adolescentes y jóvenes, ganó espacio en las grandes ciudades y se viene presentando, además de una canción, como un discurso de resistencia de sujetos históricamente marginados de la sociedad. . Dicho esto, este trabajo, que se centra en un contexto educativo relacionado con el lenguaje en la vida real, tal como lo propone la Lingüística Aplicada, buscó traer a colación la discusión sobre la necesidad de que la escuela contribuya a la formación educativa y crítico-reflexiva del educando. Frente a eso, en cuanto al contexto de la investigación, destacamos que ésta fue realizada en clases de Lengua Portuguesa y con alumnos de una clase de 9º grado de Enseñanza Fundamental de una escuela pública de Maceió. La elección de la clase se debió a que la investigadora se desempeña como docente en la referida institución y vive de primera mano las dificultades que presentan los estudiantes en relación a la lectura. Así, como problema de investigación, destacamos la falta de criticidad, la dificultad en la comprensión de algunos tipos de textos y la falta de placer en la lectura, que están presentes cotidianamente en las clases de lengua portuguesa del mencionado grupo. Dado el problema de investigación que orienta el trabajo, el objetivo de investigación corresponde a indagar la competencia lectora de los estudiantes a través de letras de canciones. Así, la investigación-acción aquí presentada buscó brindar una experiencia de intervención didáctica, y, para ello, se basó en las siguientes preguntas orientadoras: (1) ¿Cómo el estudio del Rap puede contribuir a agudizar la criticidad del alumno de 9º grado? (2) ¿En qué medida pueden ayudar las letras de rap en el desarrollo de la comprensión lectora de estos estudiantes? (3) ¿Qué actividades de lectura, comprensión y análisis de textos se pueden desarrollar para despertar el placer, el interés y la instrumentalidad que proporciona el acto y la práctica de la lectura? Se trata de una investigación cualitativa, en la que se adoptó un enfoque de investigación-acción, cuyo procedimiento básico fue la realización de una Secuencia Didáctica (SD), compuesta por la escucha de canciones de Rap, seguida de lectura, análisis y apreciación de letras, a través de actividades dirigidas principalmente en la comprensión e interpretación textual, así como el gusto por la lectura. Además, también utilizamos cuestionarios como instrumento de recolección de datos. La fundamentación teórica abarcó el estudio del Rap, su historia, evolución y repercusión en el escenario actual de la cultura musical brasileña y alagoana. Por lo tanto, la premisa teórica se basa en autores como: Andrade (2000), Freire (2006), Loureiro (2016) y Souza (2011), además de estudiosos de las teorías de la lectura, la comprensión textual y la práctica del análisis de textos: Antunes (2013), Bortoni-Ricardo (2010), Cafiero (2005), Carletti (2007), Silveira (2015), Solé (2015) y Villardi (1997), entre otros. Al final de esta investigación, fue posible verificar que el Rap puede ser una herramienta pedagógica significativa para las clases de lengua portuguesa, especialmente en lo que respecta a la participación efectiva de los estudiantes en el proceso de aprendizaje. Además, aunque la investigación tuvo algunas limitaciones, notamos, a través de los debates realizados en el aula, que los estudiantes pudieron compartir opiniones, creencias y su cosmovisión sobre temas de Rap. En este sentido, destacamos también que la secuencia didáctica enfocada en el trabajo con el Rap brindó al estudiante, así como al docente involucrado en la labor pedagógica, grandes aportes, ya sea en lo que respecta al trabajo con el lenguaje, ya sea en lo que se refiere a la formación reflexiva a través de a través de los problemas sociales que presentan las canciones..

Palabras clave: Rap. Lectura y comprensión. Analisis textual. Siguiendo la enseñanza. Música brasileña.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo das capacidades de compreensão.....	21
Quadro 2 – Estratégias de Leitura.....	24
Quadro 3 – Cronograma com lista de atividades.....	38
Quadro 4 – Letras de Rap que mais fizeram os alunos a refletir sobre algumas questões.....	41
Quadro 5 – Músicas de rap que os alunos conheciam antes do levantamento.....	42
Quadro 6 – Letras de rap que proporcionam melhor compreensão por apresentarem um contexto mais próximo à realidade dos alunos.....	43
Quadro 7 – Letra de rap que mais promove incentivo à luta e à busca de ideais.....	44
Quadro 8 – Letra de rap que denuncia um grave problema social relacionado às crianças.....	44
Quadro 9 – Letra de rap que apresenta um grave problema de segurança.....	45
Quadro 10 – Questões de interpretação utilizadas em sala.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você gostou das atividades com textos e músicas?.....46

Gráfico 2 – Você acredita que compreende melhor os textos que trazem um contexto mais próximo à realidade que conhece e vive?.....47

Gráfico 3 – A audição de músicas conhecidas, no sentido de interpretá-las e trabalhá-las na escola, proporciona uma melhor compreensão desses textos e torna a aula mais significativa?.....48

Gráfico 4 – Identificação nas letras das canções de 03 mazelas sociais cujas pistas aparecem no texto.....49

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Power MCs	em	apresentação.....	31			
Figura 2	–	Ari Oliveira	palestrando	para os	estudantes.....	33		
Figura 3	–	Momento	de aplicação	de atividade	durante a	pesquisa.....	40	
Figura 4	–	Palestra	de Ari	de Oliveira,	Mago Joe	e Nato	Peixoto.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 A Importância da Leitura na Sociedade	17
2.2 A leitura no ambiente escolar	19
2.3 Estratégias de Leitura	24
2.4 A História da Música.....	26
2.5 A História do <i>Rap</i>	27
2.5.1 O <i>Rap</i> na terra de Zumbi	30
2.5.2 O <i>Rap</i> na sala de aula	34
3 METODOLOGIA	34
3.1 Pesquisa-ação: metodologia para o desenvolvimento da Atividade de Intervenção ..	35
3.2 O Contexto da Pesquisa	36
3.2.1 A escola - campo e protagonista da pesquisa	36
3.2.2 Os participantes da pesquisa	37
3.3 Procedimentos e Instrumentos da Pesquisa	37
3.4 A Sequência Didática Desenvolvida	38
3.4.1 Plano de sequência didática – compreensão de textos com a canção	38
3.4.2 Descrição das atividades propostas no Plano de Sequência Didática	39
3.4.3 Relato da aplicação das atividades	40
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS	42
4.1 Análise dos Resultados dos Questionários de Satisfação	47
4.2 Palestra com Ari de Oliveira, ativista social, Mago Joe e Nato Peixoto, rappers	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	63
ANEXOS	77

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, do tipo qualitativa, adota a abordagem da pesquisa-ação, em uma escola pública de Maceió-AL, que visa incentivar a apreciação, compreensão e interpretação de textos utilizando o *Rap* como recurso motivador em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental.

Segundo estudos feitos pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) e promovido pelo OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), publicados em 2018, estudantes brasileiros em fase de conclusão do Ensino Fundamental não têm domínio satisfatório em leitura. Isso implica uma série de dificuldades no que concerne à habilidade leitora de uma parcela relevante de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e até mesmo de alunos de nível superior, sendo esse um obstáculo considerável para que esse público possa compreender, de fato, o que está posto no texto.

Salientamos que, ao observar os alunos em sala de aula, precisamos compreender e levar em conta a necessidade de cada um deles. Nesse sentido, constatamos, na realização das atividades, que alguns alunos realizavam as tarefas propostas com mais facilidade e alguns apresentavam notória dificuldade em relação à leitura, na escrita, na compreensão e, conseqüentemente, na interpretação de textos. Isso nos remete a Zabala (1998) quando nos faz refletir que o ensino não pode e não deve alcançar a todos da mesma forma, afinal,

Dada à diversidade dos alunos, o ensino não pode se limitar a proporcionar sempre o mesmo tipo de ajuda nem intervir da mesma maneira em cada (...). É preciso diversificar os tipos de ajuda; fazer perguntas ou apresentar tarefas que requeiram diferentes níveis de raciocínios e realização; possibilitar, sempre, respostas positivas, melhorando-as quando inicialmente são mais insatisfatórias; não tratar de forma diferente os alunos com menos rendimento; estimular constantemente o progresso pessoal (ZABALA, 1998, p. 98)

Essa falta de habilidade, muitas vezes, está intrinsecamente ligada à dificuldade dos estudantes em relação à compreensão dos diversos textos discursivos que circulam na sociedade, considerando a diversidade socioeconômica, étnica e cultural que se reflete no ambiente escolar.

No âmbito escolar, vemos, frequentemente, as discussões acerca dessa inabilidade dos alunos e alguns docentes atribuem essa falta de compreensão textual ao fato de que determinados alunos ainda não terem maturidade para sair da concretude do texto e compreender a subjetividade nele existente. Alguns professores, por sua vez, acreditam que o simples fato de não haver um modelo leitor em casa é crucial para que os alunos não despertem o interesse pela leitura.

Há, ainda, do ponto de vista do senso comum, outras pessoas que atribuem essa falta de habilidade, unicamente, aos professores de Língua Portuguesa (LP), como se a responsabilidade do sucesso ou do fracasso em formar leitores críticos e capazes de assimilar o texto fosse inteiramente do docente de LP. Nessa seara, concordamos com Castanheira, Machado e Ricardo (2010, p. 51-52), ao ponderarem que: “todo professor deve ser professor de leitura, visto que ler faz parte da aprendizagem, devendo por isso, fazer parte de todas as atividades”.

O fato é que a falta de interesse dos alunos pode ser atribuída a vários fatores, como a falta de convívio com uma cultura de “leitura da palavra”, a falta de uma prática leitora dentro e fora da escola, falta de incentivo à leitura, , poucas políticas de incentivo à leitura e criação de espaços de leitura. Podemos dizer que todos esses fatores colaboram para a não proficiência leitora entre crianças, jovens e, até mesmo, adultos.

Para Kriegl (2002), o hábito de ler está relacionado a modelos. A autora nos afirma que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de ler. Para ela, é a influência dos adultos que nos remete ao gosto pela leitura. Vê-los lendo e escrevendo é um referencial para que haja influência nesse processo.

Dessa forma, esta pesquisa propõe levar, para a sala de aula, a leitura de letras do *Rap* por apresentarem uma linguagem mais próxima à realidade desses alunos, bem como pelo fato de essas letras apresentarem uma criticidade e um discurso de força e resistência das massas oprimidas, maioria minorizada¹, que buscam ser vistas, aceitas e ouvidas não só pela sociedade, mas também pelo poder público². Assim, a investigação desenvolvida justifica-se, pela relevância da leitura e da compreensão textual, não só para contexto acadêmico ou escolar, mas, também, para a formação do sujeito capaz de perceber, compreender e refletir criticamente acerca do mundo à sua volta.

¹ Compreendemos como “maioria minorizada” o grupo social majoritariamente formado por pretos, pobres, LGBTQIA+, entre outros, que se encontram à margem da sociedade, o qual, muito embora diga respeito a maioria demográfica brasileira, constitui-se minoria em termos de acesso a direitos, serviços públicos, representação política. Logo, o termo carrega uma reflexão do modo de pensar sobre nós, nosso país e as relações sociais nele construídas historicamente, que fazem com que, embora sejamos maioria numericamente, passemos a ser entendidos enquanto minoria.

² Dito de outro modo, a ideia do trabalhar com o *Rap* se deu por se tratar de um gênero musical bastante apreciado pelos jovens e de forte presença nas comunidades periféricas brasileiras, além de se apresentar enquanto um estilo de música que traz à tona fatos sociais relevantes, os quais merecem/devem ser debatidos também dentro da sala de aula. Dessa forma, a partir do instante em que as canções desse gênero foram trabalhadas em sala de aula, conseguimos, de fato, aproximar e envolver os alunos no que concerne à leitura e à interpretação dos textos. Além disso, levar o *Rap* para dentro da sala de aula nada mais é que uma forma de contextualizar o ensino.

Possivelmente, a falta dessa habilidade leitora diz respeito aos textos que nós, professores, trabalhamos em sala de aula. Os textos presentes nos livros didáticos e paradidáticos são materiais que satisfazem o gosto do professor e não o do aluno. Prova disso é que, quando separamos determinado texto para que este seja trabalhado em sala de aula, partimos dos textos de que gostamos. Entretanto, nós nos esquecemos de que esses textos não condizem, na maioria das vezes, com a realidade de nossos alunos. O que contribui para uma maior falta de interesse acerca da leitura e, conseqüentemente, o não aprendizado significativo de práticas de leituras, produção e compreensão do texto.

Posto isto, cabe destacar que a pesquisa foi motivada pela percepção da identificação que os jovens têm com o *Rap*, também conhecido como *palavra cantada*. Trata-se de um discurso de resistência e de superação. Embora seja marginalizado pelas elites, o *Rap* tem ganhado espaço nas comunidades periféricas das grandes cidades, sendo muito apreciado pelos jovens e pelas pessoas das classes oprimidas. Além disso, podemos perceber uma influência, cada vez mais acentuada, na Música Popular Brasileira (MPB).

Dessa forma, esta pesquisa se justifica por acreditarmos que as atividades de interpretação de textos propostas aos alunos terão elementos significativos provenientes de suas realidades socioculturais, de forma a promover o engajamento desses alunos e dar sentido à prática da leitura na escola. Ademais, enquanto justificativa da pesquisa, destacamos sua importância para a emancipação e formação do sujeito. Diante do exposto, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa:

- Como o estudo do *Rap* pode contribuir para aguçar a criticidade do aluno da educação do 9º ano?
- Em que medida as letras de *Rap* podem ajudar no desenvolvimento da compreensão leitora desses alunos?
- Que atividades de leitura, compreensão e análise de textos podem ser elaboradas no sentido de despertar o prazer, o interesse e a instrumentalidade propiciadas pelo ato e pela prática da leitura?

Diante desse cenário, pensando o *Rap* enquanto capaz de aguçar o interesse do aluno no que concerne à prática de leitura, assim como trazer à tona questões sociais de interesse dos educandos, esta pesquisa tem por objetivo conduzir uma investigação por meio das diversas linguagens presentes nas letras do *Rap*, a fim de entender como este pode contribuir para a formação de um leitor crítico-reflexivo.

Nesse sentido, foi construído um plano de ação para o desenvolvimento deste trabalho, prevendo-se, inclusive, as atividades que poderão ser realizadas ao longo da pesquisa, com o intuito de serem colhidos dados para a avaliação e para análise da proposta ora apresentada.

O projeto tem como objetivo geral: “Propiciar uma experiência de intervenção didática com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, com o intuito de ajudá-los a desenvolver a competência leitora e a consciência crítica por meio da leitura e da interpretação de textos com letras de música do *Rap*, utilizando-se de testes de compreensão de múltipla escolha, apreciação de videocliques, debates, rodas de conversa e, possivelmente, da produção escrita de textos opinativos”.

Para a operacionalização desse propósito, foram determinados os seguintes objetivos específicos:

- 1) Reconhecer, juntamente com os estudantes, que a leitura é um processo carregado de significação;
- 2) Identificar, compreender e interpretar a linguagem dos textos do *Rap*;
- 3) Explorar os recursos linguísticos presentes no *Rap*;
- 4) Trabalhar os aspectos sociais evocados pelos textos levados à sala de aula;
- 5) Contribuir com a formação crítica-reflexiva dos alunos participantes da pesquisa.

Dado o exposto, o presente trabalho de dissertação se encontra organizado 3 capítulos, além desta introdução e das considerações finais, a saber: (1) Fundamentação Teórica, no qual discutiremos acerca da importância da leitura na sociedade e na escola, estratégias de leitura e o uso do *Rap* na sala de aula; (2) Metodologia, capítulo em que apresentamos o percurso metodológico adotado ao longo da investigação, ou seja, trazemos à baila da discussão o contexto da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e as informações pertinentes acerca da Sequência Didática Desenvolvida; e, por fim, (3) Análises e discussões, este, por sua vez, apresenta as análises e discussões obtidas a partir do trabalho desenvolvido com os alunos do 9º ano.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura, até a primeira metade do século XX, foi tida como fator único e exclusivo inerente às habilidades de decodificar um texto escrito. Esse processo diz respeito ao reconhecimento e agrupamento de letras, formação e compreensão de palavras e organização de sentido. Entretanto, com o passar do tempo, a decodificação de palavras foi sendo vista como necessária, mas também tivemos a noção de que apenas essa decodificação não era suficiente para que houvesse, de fato, a compreensão de textos ou a certeza de leitores capacitados.

Nesse sentido, Paulo Freire (2006) nos diz que para que haja a formação do leitor, faz-se necessária a sua formação como sendo um sujeito capaz de agir de forma autônoma, não deixando de considerar seus conhecimentos prévios, o contexto sociocultural no qual ele está inserido, bem como suas vivências. Esse fato nos faz repensar a nossa prática de ensino da leitura, quando, muitas vezes, não levamos em conta o contexto de nossos alunos e propomos leituras que estão fora de suas realidades.

Devemos ter em mente a necessidade de levar para sala de aula textos que possam ser compreendidos pelos alunos. Apresentar textos que não condizem com a realidade dos estudantes faz com que surja uma lacuna a ser preenchida no que diz respeito à compreensão textual. Dito isto, como podemos exigir que determinado texto seja compreendido, seja analisado, se este não remete à realidade, compreensão de nossos alunos? Corroborando com essa ideia, Paulo Freire (2006) defende que é necessário que o vocabulário a ser trabalhado em um texto diga respeito ao universo e ao contexto social dos alunos, expressando a sua real linguagem, seus anseios, suas inquietações, suas reivindicações e os seus sonhos. Freire afirma que os textos devem vir carregados de significação, de experiência existencial dos alunos e não de experiências do educador.

Por essa razão, é necessário pensar em um processo que venha a envolver os alunos, proporcionar-lhes a apresentação de textos que façam com que se sintam atraídos e sejam capazes de compreendê-los, bem como estejam aptos a se posicionar criticamente sobre os assuntos ali abordados.

Com o intuito de trazer para a educação um novo pensar sobre o lugar do aluno, o Governo Federal, na figura do Ministério da Educação e Cultura (MEC), trouxe-nos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual nos apresenta as competências exigidas pela BNCC no que diz respeito à disciplina de Língua Portuguesa, apresentando, segundo o documento, uma nova forma de pensar a educação por meio de processos metodológicos e

didático-pedagógicos, com vistas a uma formação de sujeitos emancipados, críticos e reflexivos, capazes de compreender o mundo a sua volta, bem como agir sobre ele de modo autônomo.

Dessa forma, a Língua Portuguesa é o principal meio para essa interlocução entre o aluno e a sua realidade, pois a atividade humana está relacionada a práticas de comunicação, se o indivíduo é reconhecido por fazer entender e como entender a outros ou elementos a sua volta.

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (BNCC, 2017 p. 63).

A finalidade do Ensino Fundamental Anos Finais, pontuada na BNCC, é possibilitar o desenvolvimento das capacidades de leitura dos indivíduos, por meio da linguagem, ampliar e ser uma base sólida para a formação do indivíduo no Ensino Médio e Superior. Por conseguinte, se a escola não desenvolver tais capacidades, ela falha no que diz respeito ao processo de aprendizagem. É de suma importância que um projeto, ou mesmo uma aula, antes de estipular qual conteúdo deverá ser abordado, determine quais competências devem ser desenvolvidas no estudante. Nesse sentido, devemos considerar o quadro das competências específicas da área de Língua Portuguesa exposto na BNCC, que evidencia o desenvolvimento das capacidades da leitura e que devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação do sujeito em diferentes esferas das atividades humanas, conforme pontua a BNCC:

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (BNCC, 2017, p. 67).

Essas competências desenvolvidas não são apenas uma parte do trabalho que coube ao ensino da Língua Portuguesa em sala de aula, referente ao Ensino Fundamental Anos Finais, isso porque têm ainda por objetivo ajudar na formação crítica do aluno, a fim de que ele possa usar as ferramentas apontadas pela BNCC. Além disso, de acordo com o referido documento,

novos meios de ensino são cruciais para que a compreensão leitora seja levada em consideração, a fim de que o sujeito possa estar apto a ler e compreender o texto.

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer uma produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web (BNCC, 2017, p. 68).

No entanto, há um certo distanciamento naquilo que nos é evidenciado pela BNCC e a realidade das escolas públicas. É notório que muita da problemática relativa à falta de compreensão leitora por parte dos alunos integrantes da rede de educação de nosso estado diz respeito também à notória falta de recursos que venham proporcionar uma educação capacitada e de qualidade. Apesar dos muitos concursos realizados para a educação, ainda é grande a falta de professores capacitados para assumir as salas de aula e proporcionar a esses alunos uma educação consciente, que estimule o pensamento crítico e os transforme socialmente. Além disso, também não se pode negar que condições estruturais são importantíssimas para o bem-estar desses alunos, pois um ambiente acolhedor faz com que todos se sintam mais à vontade e queiram estar ali. Dessa forma, o ato de aprender seria mais prazeroso.

Embora a Base Nacional Comum Curricular tenha consolidado ideias de como se fazer uma educação pautada no aluno, muito antes de se pensar em BNCC, Paulo Freire já nos direcionava à utilização de uma linguagem própria dos alunos, uma forma de texto também da própria vivência deles e não uma interlocução distante do real, mas com as próprias experiências dos alunos para que tenhamos um ensino direcionado. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1988, p. 20).

Nesse sentido, levar o *Rap*, que é a expressão da oralidade, para sala de aula foi uma forma de trabalhar as competências da BNCC, de colocar em prática o que nos disse Paulo Freire, para que pudéssemos ter um maior engajamento dos alunos no aprendizado e, a partir daí, buscarmos uma metodologia que venha a suprir as necessidades apresentadas por esses alunos em sala de aula, além de atender às normatizações estabelecidas pela BNCC e por todos os órgãos competentes, para um melhor aprendizado e uma vivência da Língua Portuguesa e suas competências discursiva e linguísticas.

Posto isto, a seção seguinte traz uma discussão acerca da relevância da leitura para o indivíduo e a sociedade de forma geral.

2.1 A Importância da Leitura na Sociedade

O ato de ler é sem dúvida fundamental para a vida em sociedade. Quando lemos, não nos limitamos ao texto. Lemos imagens, palavras, gestos e pessoas. Esse ato nos torna seres capazes de pensar, entender e refletir criticamente. A partir do momento em que se aprende a ler, um leque de conhecimento se abre ao seu alcance, tornando o indivíduo um ser dotado da capacidade de entender, concordar ou discordar de algo.

Os atos de ler e escrever vão além das fronteiras da sala de aula. Ler e escrever não são habilidades inerentes unicamente ao espaço escolar, a fim de que se possa obter uma nota e concluir um curso. A leitura e a escrita são competências necessárias para que o indivíduo se torne um cidadão capaz de ter voz na sociedade. De acordo com Silva (1996):

[...] ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes escritos por um determinado autor em uma determinada obra (SILVA, 1996, p. 33).

A atividade leitora faz com que o indivíduo possa discorrer sobre as mais diversas temáticas, tornando-o criterioso, pensante e capaz de compreender o mundo em que vive. Saber ler vai além do ato de decodificar palavras, pois o leitor é aquele que organiza e compreende a mensagem que, por muitas vezes, não está posta apenas na materialidade do texto. Com efeito, o leitor crítico não se limita à busca do conhecimento explícito; ele vai para além do texto, fazendo inferências e trazendo à tona o seu conhecimento de mundo e o aplica ao texto para que possa, de fato, compreendê-lo. Nesse sentido, Araújo (2008) nos diz:

Saber ler é ir além da interpretação literal, supõe relacionar o lido com experiências significativas vividas, comparando-os com outras leituras feitas, com outras leituras do mesmo texto feitas por outros, reler diferentemente, fazer avaliação apreciativa e crítica, recriar o texto em outras atividades (ARAÚJO, 2008, p. 12).

Dessa forma, pode-se afirmar que o leitor crítico é aquele que busca elementos para além do texto, aquele que faz inferências, aquele que não se contenta com uma leitura superficial e lê o texto em mais de duas etapas, com vistas a fazer o reconhecimento, compreender e analisar aquilo que lhe é posto. No entanto, para que esse objetivo seja

atingido, deve-se antes, enquanto professor, buscar estratégias que visem ao desenvolvimento da leitura e despertem no aluno o gosto pelo ato de ler. Diante disso, Villardi (1997, p. 4) afirma:

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui com um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania (VILLARDI, 1997, p. 4).

Para tanto, necessitamos conhecer o aluno e oferecer a ele textos que lhe possam chamar a atenção, textos que sejam condizentes com a sua realidade e que façam sentido para quem os lê. De acordo com Silveira e Oliveira (2015), o ato de ler e compreender o que lê não deve ser interpretado como simples reconhecimento do código linguístico ou se limitar à decodificação grafofônica das palavras de um texto, ainda que esta etapa seja imprescindível para a leitura e a compreensão.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, é o que afirmou Freire (1988). Nesse sentido, podemos compreender que a leitura é, indubitavelmente, de extrema importância para o indivíduo, pois sem ela não é possível ler, compreender o mundo e tudo aquilo que está à nossa volta.

Além disso, devemos ter em mente que a importância da leitura se dá pelo fato de que ela nos oferece a capacidade de desenvolvimento e ampliação vocabular, propiciando o estreitamento da comunicação social, como também é responsável por desenvolver a compreensão de textos, de mundo e a criticidade. É por meio da leitura que desenvolvemos o hábito de ler, o gosto e o aprimoramento da leitura, a descoberta de fatos e mundos. Logo, quando lemos, conseguimos viajar sem sairmos do lugar. Lendo, nós adquirimos um vocabulário cada vez mais rico e nos tornamos sujeitos mais críticos e dotados de opinião.

Segundo Spindola (2009), a leitura se trata de um processo que tem por objetivo o desenvolvimento do sujeito. Por essa razão, o ato de ler tem como finalidade a compreensão. Contudo, nem todos os sujeitos são, a partir do ato de ler, dotados de criticidade, ou seja, não são questionadores. Por essa razão, cabe ao professor ser um agente necessário e facilitador no processo da compreensão leitora. Dessa maneira, o professor deve “[...] atuar de modo a facilitar para o aluno a compreensão das nuances, sutilidades e percepções do livro, tornando o texto algo inteligível e, mais do que isso, apreciável do ponto de vista do aprendente” (SPINDOLA, 2009, p. 23).

Não devemos nos esquecer de que ler vai além de decodificar palavras, embora esse seja um processo inerente à leitura. É preciso antes de tudo que tenhamos em mente que não entendemos aquilo que não conhecemos. Nesse sentido, Cafiero (2010) faz a seguinte afirmação:

Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida (CAFIERO, 2010, p. 86).

Silva (2003) argumenta que ser sujeito e pertencer a uma sociedade diz respeito, também, ao fato de ler e compreender o mundo. A partir do instante em que lemos, temos a noção de nossos direitos e deveres enquanto cidadãos. Dessa forma, podemos lutar por nossos direitos e defender tudo aquilo que já conquistamos.

[...] a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2003, p. 24).

Nesse sentido, podemos afirmar que a leitura é o modelo de paralelo existente entre a observação idealizada e a teoria, fator de extrema importância para a humanidade nos seus mais diversos contextos sociais, pois, conforme afirma Solé (1998, p. 18), “a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada”.

Dada a explanação sobre a importância da leitura, a seguir, trazemos à baila da discussão alguns apontamentos sobre a leitura no contexto do ambiente escolar.

2.2 A leitura no ambiente escolar

Como evidenciamos na seção anterior, é inegável que a capacidade leitora faz com que o sujeito possa se comunicar melhor, ter um vocabulário mais amplo, consiga compreender textos, linguagens e pessoas e ser dotado de criticidade. No entanto, o ato de ler é uma atividade complexa, a qual exige do sujeito uma constante produção/compreensão de sentidos daquilo que se lê. Nesse sentido, podemos dizer que a leitura se faz plena quando o leitor é

capaz de compreender aquilo que também está implícito no texto, conforme nos diz Antunes (2013):

[...] a leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que, às vezes, sutilmente, estão embutidas nas entrelinhas. O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro; que, por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas (ANTUNES, 2013, p. 81-82).

Segundo pesquisas feitas pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) – INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), a cada 3 anos, estudantes brasileiros em fase de conclusão do Ensino Fundamental Anos Finais não têm domínio satisfatório em leitura. Isso nos faz entender que, muitas das vezes, o aluno que temos em sala de aula é apenas decodificador do texto que lhe é apresentado.

Nessa seara, podemos, inclusive, afirmar que o aluno não se apropriou do processo de aprendizagem da leitura. Nesse sentido, podemos afirmar que esse sujeito não tem as devidas habilidades para compreensão e interpretação do texto, logo, dizemos que ele está limitado a juntar as letras e a entender o amontoado de palavras que tecem o texto.

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro; que, por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas (ANTUNES, 2013, p. 81-82).

Outrossim, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), documento que dialoga com a BNCC:

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos (BRASIL, 1998, p. 70).

De acordo com a BNCC, a formação do leitor diz respeito à contribuição para a participação em práticas sociais da cultura letrada, permitindo ao aluno a apropriação progressiva de diversos textos. Nesse sentido, merece que destaquemos a seguinte passagem que trata da formação do leitor.

As práticas de compreensão e de produção de texto são constitutivas da experiência de aprender e, portanto, presentes em todas as áreas. Por isso, cabe à área de Linguagens assegurar o direito à formação de sujeitos leitores e produtores de textos que transitem com confiança pelas formas de registro dos diversos componentes curriculares (BNCC, 2017, p. 30).³

Podemos observar o quão importante é o ato de ler e como é grande o desafio para que se possa formar leitores hábeis, competentes. Para tanto, é necessário que tenhamos em mente e possamos colocar em prática esforços que visem alcançar e superar os obstáculos que dizem respeito ao hábito de ler e ao prazer pela leitura. É necessário que possamos valorizar a leitura e o gosto por ela, a fim de que possamos formar leitores que expressem suas opiniões e que sejam críticos nas mais distintas esferas sociais, pois o sujeito leitor compreende o mundo, tem experiências de cunho social e é dotado de reflexão.

Ainda sobre a leitura, de acordo com Zilberman (2001, p. 51), “nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invasão daquele que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência”. No que concerne a essa afirmação, cabe ao professor o estímulo pela leitura. Entretanto, é necessário que haja modificação no ambiente escolar e no modo de se incentivar o hábito de ler. Devemos, enquanto professores, tornar o hábito de ler um momento de escape. Para tanto, a leitura deve ultrapassar os livros didáticos e textos que digam respeito, unicamente, à apreciação do professor.

O processamento da leitura se dá por meio das capacidades de compreensão, o que também podemos chamar de estratégias. A seguir, podemos observar o quadro que resume, segundo Rojo (2002), as capacidades de compreensão.

Quadro 1 – Resumo das capacidades de compreensão.

Ativação de conhecimento de mundo	O leitor de modo prévio, ou durante a leitura, relaciona constantemente seus conhecimentos e, caso não consiga compreender, utiliza outras estratégias de caráter inferencial.
Antecipação ou predição de conteúdo ou propriedade dos textos	O leitor, a partir da situação de leitura, das finalidades, dos suportes do texto, das esferas de comunicação, dos títulos, fotos ou legendas, levanta hipóteses sobre o conteúdo dos textos.
Checagem de hipóteses	Ao longo da leitura, o leitor checa suas hipóteses, confirmando-as ou desconfirmando-as, podendo também buscar outras mais adequadas.
	Em diferentes práticas de leitura, o leitor busca e localiza constantemente informações relevantes a

³ Destacamos que, a nosso ver, as demais áreas também têm papel relevante na formação do leitor. Ou seja, é responsabilidade de todas as áreas, assim como compete a todos os professores, o trabalho com a leitura em sala de aula.

Localização e/ou cópia de informação	fim de armazená-las e reutilizá-las de maneira reorganizada posteriormente. Essa é uma estratégia básica de leitura, com exceção da leitura por prazer ou fruição.
Comparação de informações	O leitor está sempre comparando informações baseado em outros textos ou em seus conhecimentos prévios.
Generalizações	Essa é uma estratégia que contribui muito para a síntese resultante da leitura, estamos sempre generalizando algum texto, pois não conseguimos guardar todos os textos fielmente na nossa mente.
Produção de inferências locais e globais	Uma inferência local pode ser realizada por meio de uma lacuna de compreensão provocada por, por exemplo, um vocábulo do texto desconhecido pelo leitor, assim, o leitor, pelo contexto do texto, descobre um novo significado para o termo. Uma inferência global é realizada quando o leitor utiliza pistas que o autor deixa no texto, seus conhecimentos de mundo e conhecimentos lógicos para efetiva compreensão, já que nem tudo está dito num texto

Fonte: Rojo (2002).

Entretanto, é preciso dizer que essas capacidades não são capazes de descrever de maneira abrangente o que é a atividade de leitura. Podemos então dizer que a leitura é uma prática social, sendo a interação entre autor-texto-leitor.

O ato de ler é uma atividade individual. Cada leitor tem seu tempo para apreciação, decodificação e compreensão do texto. Para que a leitura ocorra, devemos levar em consideração o tempo e as vivências de cada leitor. Segundo Solé (1998), existem dois tipos de abordagem de leitura, a saber: ascendentes (Bottom up), que tem por objetivo centrar-se nas habilidades de decodificação que o leitor possui, e as abordagens descendentes (Top down), cuja abordagem e a ênfase estão voltadas para o leitor. De acordo com a abordagem descendente, o leitor é valorizado contrariamente ao texto, posto que o sujeito passa a ser visto como sendo um ser social, que está em constante transformação.

Dado o exposto, o trabalho com vistas ao ensino e à aprendizagem da leitura em sala de aula não deve ser realizado tão somente no ciclo da alfabetização, visto que o sujeito está em constante desenvolvimento social e que fará uso da leitura, cada vez mais complexas, em todas as etapas da escolarização. Assim, de acordo com Kleiman (1993), do ponto de vista cognitivo, a leitura pode ser mediada utilizando-se de estratégias que auxiliem o leitor no que diz respeito a ler com mais fluência e melhor desenvoltura. Logo, cada ano escolar exige o aprendizado de novas estratégias e o aprimoramento da fluência leitora.

Atualmente, compreendemos que é preciso incitar o leitor, provocá-lo, a fim de que ele possa experimentar uma experiência baseada em suas vivências, pois dessa forma o texto

passa a fazer mais sentido. Nesse ínterim, a ideia de que são necessárias condições favoráveis para que possamos despertar o gosto pela leitura é reforçada. Outrossim, também nos chama a atenção o fato de que é imprescindível termos com o texto certa afinidade, estimulando os passos em direção à melhor compreensão do texto, uma vez que nossas vivências e percepções nos impulsionam ao melhor entendimento do que ali está explícita e implicitamente posto.

Em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento substituído pela BNCC, a leitura é um processo pelo qual o leitor realiza uma atividade dinâmica com o intuito de construir a significação do texto por meio de seus objetivos

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p. 69).

No que concerne aos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, não é possível separar o sujeito, a história e o mundo das práticas da linguagem. Os PCNs nos dizem que para que seja possível compreender um texto, é necessário buscar as marcas do enunciador projetadas nesse texto.

Assim como no âmbito nacional, o estado de Alagoas também tem um documento que norteia competências e habilidades que devem ser construídas no aluno ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental. No Referencial Escolar da Rede Estadual de Alagoas (2019), consta a proposta de uma abordagem enunciativo-discursiva que pressupõe a integração dos estudantes ao mundo das linguagens, contemplando os diversos letramentos. De acordo com o referencial, os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula devem ser oriundos do texto, conforme consta no referido documento: “O Eixo Leitura enfoca as práticas de interação, abordando a leitura em seus vários modos de apresentação com gêneros orais, escritos, multissemióticos, enquanto práticas sociais, dentro e fora do espaço escolar” (ALAGOAS, 2019, p. 77).

Sendo assim, no tocante à leitura, podemos verificar que há uma compatibilidade de ideias entre os PCNs da Língua Portuguesa, o Referencial Curricular do Estado de Alagoas e a BNCC, uma vez que todos esses documentos nos levam à certeza de que é a partir do texto e

das vivências dos leitores que há a verdadeira significação e compreensão de sentidos, além do fato de que tais documentos adotam a concepção de leitura enquanto prática social.

Ademais, tratando-se do tema aqui proposto nesta dissertação, cabe-nos apresentar a seção 2.3, a qual discorre, pensando a leitura enquanto um processo que envolve compreensão, as estratégias de leitura, ponto de suma importância quando tratamos sobre ensino-aprendizagem da leitura.

2.3 Estratégias de Leitura

Sendo a leitura um processo que envolve compreensão, ela requer atividades que sejam previamente elaboradas e pensadas. No entanto, a elaboração dessas atividades, assim como o ato de pensá-las, não é característico desse processo, uma vez que em muitas oportunidades o mediador ou facilitador não utiliza os recursos necessários a fim de que os leitores compreendam os textos. Segundo Solé (1998), muitas são as vezes em que os professores acreditam que o simples fato de os alunos saberem ler faz com que estes sejam leitores capazes, visto que, de acordo com a concepção desses educadores, à medida que os alunos avançam em séries, a competência leitora vai sendo desenvolvida. Por essa razão, Solé (1998) acredita que ainda não se tem, nas salas de aula, espaço suficiente para o ensino da leitura.

É fato que um leitor é construído a partir de suas vivências e experiências que venha a ter com o texto. Devemos, no entanto, levar em consideração as percepções do mediador que esse leitor possa vir a ter ao longo de sua vida. Para Solé (1998), as estratégias de leitura são procedimentos de caráter elevado que dizem respeito a objetivos que devem ser realizados, assim como planejamento de ações que devem ser desencadeadas, a fim de alcançar esses objetivos, bem como a avaliação e possíveis mudanças. Dessa forma, podemos dizer que o leitor faz uso de estratégias de leitura para que consiga compreender os sentidos do texto, havendo, assim, a possibilidade de existência de um viés entre a vivência desse leitor e o contexto social.

Ainda segundo Magnani (1989), para que haja a construção do processo de aprendizagem do sujeito é necessário, sobretudo, interação com o outro. Isso nos leva a refletir que antes mesmo de aprendermos a ler, somos levados e instigados a saber pensar, a compreender o outro e a manter com ele uma relação cheia de significados e sentidos. Tais significados e sentidos são construídos e aprimorados ao longo do tempo, fazendo com que

nós consigamos decodificar as mensagens sociais e históricas relativas a nossas vivências e experiências.

Nesse sentido, Solé (1998, p. 18) nos diz que a aprendizagem da leitura requer uma “[...] intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O aprendiz leitor [...] precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor ou pelo especialista na matéria em questão”. Nessa seara, a aquisição a qual a autora se refere diz respeito ao fato de o leitor se apropriar, para além dos aspectos linguísticos dos textos, de fatores sociais e históricos para entender suas vivências e experiências.

Buscar estratégias para o ensino da leitura é antes de tudo compreender que o leitor necessita de recursos para compreensão do texto. Dessa forma, cabe ao mediador usar dessas estratégias, visando que a decodificação e a compreensão do texto sejam alcançadas pelo leitor.

As estratégias de leitura, em coadunação ao pensamento de Solé (1998), dizem respeito a três momentos distintos (atividades antes da leitura, atividades durante a leitura e atividades para depois da leitura), em que cada um desses momentos tem a possibilidade de planejamento de situações distintas para aprendizagem.

Quadro 2 - Estratégias de Leitura.

Atividades antes da leitura:	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto; • Antecipação do tema ou ideia principal, como: título, subtítulo, do exame de imagens; • Conhecimento acerca do autor ou do responsável pela publicação do texto.
Atividades durante a leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Confirmação ou rejeição das ideias criadas antes do ato de ler; • Utilização do dicionário para consulta; • Suposições sobre as conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, valores, experiências de vida, crenças; • Construção do sentido global do texto; informações complementares; • Relação de novas informações ao conhecimento prévio; Identificação referencial a outros textos.
Atividades para depois da leitura:	<ul style="list-style-type: none"> • Construção do sentido sobre o texto lido; • Troca de opiniões a respeito do texto; • Relacionar informações; • Avaliar as informações ou opiniões expressas no texto lido; • Avaliar criticamente o texto.

Fonte: Adaptação de Solé (1998, p.89 -160).

Dessa forma, devemos entender que o trabalho com estratégias de leitura deve ser pensado e elaborado previamente. Além disso, precisamos ter em mente que o mediador/facilitador deve ter sempre a clareza das experiências e das vivências do leitor para

que esse leitor possa encontrar no texto lido a devida significação, podendo, assim, lê-lo e compreendê-lo de forma eficaz.

Dado o exposto até o presente momento, discorreremos na seção seguinte, e de forma breve, acerca da história da música, esta enquanto prática cultural humana e forma de arte entre os povos. Em seguida, trazemos para a discussão a história do *Rap*, em nível global e alagoano, objeto base para esta pesquisa.

2.4 Reflexões sobre a importância da Música

De acordo com Michaelis (Dicionário on-line), a música (s.f.) traz em sua primeira acepção o significado de arte de expressar ideias por meio de sons, de forma melodiosa e conforme certas regras. A música é considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana, não se conhecendo nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Embora nem sempre seja feita com esse objetivo, a música pode ser considerada como uma forma de arte, vista por muitos como sua principal função.

Pinto (2001) faz com que consigamos entender que a música, antes de ser compreendida como elemento estático, deve ser entendida como linguagem e que tem por objetivo a compreensão e a decodificação de códigos. Para Pinto (2001), a música é universal e indispensável a qualquer sociedade. Assim, música é manifestação de crenças e de identidades, a qual “é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural” (PINTO, 2001, p. 223).

É possível afirmar que a música faz parte da vida do ser humano desde a pré-história, conforme se pode verificar em fontes históricas, como pinturas rupestres. Nessas pinturas, podemos verificar a figura de homens primitivos que levam consigo instrumentos musicais às mais variadas manifestações culturais, como cerimônias religiosas. Sobre tal aspecto, Zimmermann (1996, p. 8) evidencia que: “Com a linguagem musical, ainda muito rude e primitiva, o homem pré-histórico acreditava que afastava os maus espíritos, as doenças e até a morte; vencida as tempestades, os raios; obtinha a chuva e a fertilidade da terra” (ZIMMERMANN, 1996, p. 8).

Hodiernamente, temos a certeza de que a música é mais elaborada e cheia de recursos tecnológicos que visam envolver e conquistar o público a que ela se destina. A música tem a

capacidade de levar uma mensagem ao interlocutor, fazendo com que esse seja capaz de compreender os explícitos e implícitos contidos na mensagem. Por essa razão, vimos na canção a significação que ela tem e como é importante levá-la para sala de aula para que possamos trabalhar a leitura e a compreensão de textos. Ademais, é fato que a música tem o potencial de fazer o sujeito se tornar um ser reflexivo, uma vez que as mensagens contidas nos versos das canções são de cunho religioso, social e político.

A canção combina a linguagem verbal e a não verbal, fazendo surgir um sentido conciliado no texto. A respeito da canção, Costa (2010) destaca que a canção se trata de um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, dada a junção de dois tipos de linguagens, ou seja, a verbal e a musical. Desse modo, defendemos que tais dimensões têm de ser pensadas juntas, sob pena de confundir canção com outro gênero, afinal, “[...] a canção exige uma tripla competência: a verbal, a musical e a lítero-musical, sendo esta última a capacidade de articular as duas linguagens” (COSTA, 2010, p. 118).

2.5 Breve histórico do Rap

O *Rap*, música marginalizado pela sociedade, a qual reluta em aceitar aqueles que se encontram, historicamente, à margem da sociedade, surge na periferia das grandes cidades, e apresenta em suas letras um discurso de resistência que dá voz às comunidades que a todo instante sofrem com a tentativa de silenciamento.

Por ser o *Rap* um estilo musical em que prevalece um discurso de insatisfação e de superação, os alunos, que são provenientes da periferia, identificam-se com suas letras. Nesse sentido, a fundamentação teórica por nós adotada abrangerá o estudo dos aspectos históricos das origens e da evolução do *Rap* e sua repercussão no atual cenário da cultura musical brasileira, com base em autores como Andrade (2000), Loureiro (2016) e Souza (2011).

Falar do *Rap* desde a sua gênese nos é relevante porque deixa claro para nós que este se mostra como um movimento crítico e atuante que se posicionou diante de distintas realidades, principalmente aquelas que revelam discriminação e exclusão social. Ora, não acreditamos que faça sentido para os alunos tratar de questões que são para eles impalpáveis. Usando, aqui, metáforas, ousamos dizer que não podemos pedir para que nosso aluno feche os olhos e lembre o sabor de um delicioso salmão grelhado ao molho de laranja, quando temos a certeza de que muitos ali desconhecem esse prato, ou, indo além na metáfora, se encontra em situação de insegurança alimentar. Enquanto professores e professoras, facilitadores(as) e

mediadores(a), temos a obrigação de levar ao aluno algo que seja condizente com sua realidade. Dessa forma, segundo Koch e Elias (2006, p. 89), “[...] a leitura é uma atividade uma atividade de construção de sentido que pressupõe a interação autor-texto-leitor, é preciso considerar que, nessa atividade, além de pistas e sinalizações que o texto oferece, entram em jogo o conhecimento do leitor”.

O *Rap* se caracteriza como um movimento cultural derivado do *hip hop*, que surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1970. Esse movimento (rythm and poetry ou poesia e ritmo), uma poesia cantada, música falada, por meio dos MCs (Master of Ceremony ou Mestre de Cerimônia), traz à tona assuntos de seus cotidianos e de suas vivências. Segundo Sousa (2020), esse estilo de falar rimando em cima de um instrumental já era conhecido na Jamaica e seus praticantes abordavam, em forma de versos, assuntos do cotidiano e de suas vivências, ao som dos ritmos Ska e reggae, que animavam festas nas ruas jamaicanas (SANTOS, 2002).

De acordo com Silva (2018), os toasters (praticantes do falar rimando em cima de um instrumental) utilizavam os sound systems – sistemas de som – na periferia de Kingston com o objetivo de levar música para alegrar a juventude preta e pobre. O surgimento do hip hop proporcionou ao *Rap*, que é uma de suas vertentes, que se espalhasse pelo mundo. Como esse estilo de palavra cantada surgiu na Jamaica, o fato de muitos jamaicanos terem sido obrigados a imigrar para os Estados Unidos, por conta de perseguições políticas, propiciou a chegada desse estilo àquele país. Desse modo, vários foram os jamaicanos que passaram a se instalar no Bronx (EUA), que é uma região periférica norte-americana, ocupada, na maioria das vezes, por pessoas que estão à margem da sociedade.

Naquele período, segundo Balbino e Mota (2006), um desses jamaicanos, Clive Campbell, nascido em Kingston, Jamaica, conhecido como Kool Herc, levou para aquela localidade os costumes de sua terra, fazendo com que as pessoas conhecessem os improvisos e os repentes, o que chamou a atenção dos que frequentavam festas ao ar livre. Consoantes Balbino e Motta (2006) esclarecem:

Herc imigrou para os Estados Unidos trazendo na bagagem alguns sound system - sistemas de som -, a cultura caribenha e a expressão verbal dos toasters, saudação dos que entram na dança em ritmo entrecortado. Foi um dos grandes promotores das festas de quarteirão, ajudando a divulgá-las, e ficou famoso por improvisar os repentes e chamar a atenção dos frequentadores das festas ao ar livre, utilizando gracejos e fazendo rima sobre as bases do reggae, estilo musical proveniente da Jamaica. (BABINO; MOTTA, 2006, p.23)

Naquele período, eram frequentes os conflitos entre gangues que buscavam dominar o território do Bronx (EUA). Assim, Kool Herc era um dos que mais fazia improvisos em forma de rimas. Ainda de acordo com Balbino e Motta (2006):

[...] na empolgação das festas, Herc percebeu que os breaks das músicas agradavam aos que se arriscavam às performances nas pistas de dança. Teve então a ideia de tocar o mesmo break sem parar, mas como fazer isso? Experimentou algumas técnicas e descobriu que com dois toca-discos e dois vinis iguais ele poderia arranhar, produzindo o mesmo break, com o auxílio de um mixer – aparelho que une os toca-discos e ajusta a sincronidade dos vinis. Com essa prática, o número de dançarinos aumentou consideravelmente e eles ficaram conhecidos como b.boys – breaking boys (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 23).

Além dos b.boys, segundo as autoras supracitadas, existem, também, as b.girls ou breaking girls (denominação referente às mulheres que são adeptas do breaking). Ainda de acordo com Balbino e Motta (2006), o breaking se tornou conhecido por esse nome não apenas por fazer referência ao instrumento que é dançante e produzido pelo DJ, mas também pelo fato de que essa dança apresenta os movimentos que são sincopados e robóticos, passando a impressão do dançarino estar quebrando o corpo.

De acordo com Balbino e Motta (2006), paralelamente ao surgimento do breaking, surgiram os MCs – Master of Ceremony, Mestres de Cerimônias. Eles também foram os primeiros DJ's de hip hop, Kool Herc e Afrika Bambaataa. A fim de fazer rimas curtas para apresentar os grupos de dança, animar os frequentadores das festas e incentivar os dançarinos de breaking a também fazerem improvisos, Herc acrescentou a arte do improviso, que trouxe de seu país de origem. Dessa forma, consoantes afirmam Balbino e Motta, surgiram os primeiros raps.

O *Rap* surgiu das rimas improvisadas que os breakers faziam ao receberem o microfone e o incentivo de Bambaataa e Herc. Inicialmente as frases eram tímidas e recatadas, mas com o tempo foram ganhando a personalidade do Mc que empunhava o microfone. Surgia também o Freestyle – improviso – das rimas. Normalmente, essas frases falavam sobre acontecimentos mais recentes dos guetos e das periferias, e nasciam então, as primeiras letras de *Rap*. Rythmn and Poetry – Ritmo e Poesia – que era a poesia feita sobre o ritmo aplicado pelos DJ's. Desde então, os participantes das festas de quarteirão, entenderam o “jogo” e os jovens queriam fazer suas rimas. Esta prática ajudou no extermínio total das gangues, já que com as rimas improvisadas, os jovens podiam dizer o que pensavam a respeito da sociedade e dos adversários de outras gangues [...] Longe das brigas, os jovens não procuravam mais gangues como entretenimento e passaram a exprimir pensamentos e protestos por meio das artes que eram criadas nas ruas e se dispunham a eles no momento (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 24).

A partir do momento em que as festas ganharam mais adeptos, Afrika Bambaataa viajou para a África e, após realizar pesquisas sobre a cultura africana, ele criou, em 12 de novembro de 1973, a organização Zulu Nation (Nação Zulu), que contava com DJs e MCs que eram promotores de festas, além de uma crew de cinco b.boys, que fora denominada de Shaka Zulu Kings, e as b.girls, denominadas, por sua vez, de Shaka Zulu Queens; contava ainda com grafiteiros – produtores de graffiti – esses últimos tinham a missão de divulgar a filosofia da organização: paz, união, amor e diversão.

No que concerne ao Brasil, Balbino e Motta (2006) evidenciam que estes surgiram no país um pouco antes da consolidação da cultura hip hop em território brasileiro, chegando primeiramente no Rio de Janeiro, animando os bailes funk da cidade. Logo depois, chegaram a São Paulo, colocando na roda o som de James Brown, bem como o que havia de soul e de funk na cena, ainda de acordo com Balbino e Motta (2006), temos a seguinte contextualização:

Em seguida, estes discos invadiram a Galeria 24 de Maio e a black music -música negra-tomou conta. Por identificação, os mesmos garotos que dançavam ao som de batidas de latas nos metrô do centro de São Paulo aderiram ao som da música negra. Ainda com improvisação, surgiram as primeiras pick-ups instaladas nas portas de lojas de discos no centro de São Paulo e, por ali, muitas pessoas conheceram o que era um DJ e encontraram-se com as performances e práticas de scratch e back to back. Sobre bases mais bonitas e práticas do que as batidas das latas, os garotos das estações de metrô começaram a cantar sobre os discos arranhados dos primeiros DJs paulistanos (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 29).

Dessa forma, a partir do som extraído das latas de lixo, que se encontravam na Estação São Bento, surgiram também os primeiros improvisos de rimas, que foram feitas pelos dançarinos. Segundo Andrade (1999), a princípio, esses improvisos rimados foram denominados de “tagarela”, pois eram rápidos e engraçados. Só depois de pesquisas realizadas sobre esse assunto e obtenção de maiores informações acerca da temática é que se passou a ser compreendido como *Rap*. Posteriormente a isso, as letras passaram a expressar as realidades das vidas daqueles que produziam tal ritmo, podemos dar destaque para Thaíde e DJ Hum, que foram os pioneiros do *Rap* no Brasil.

2.5.1 O *Rap* na terra de Zumbi

Quando despertamos o interesse pelo estudo do *Rap* e a contribuição que suas letras possam ter no contexto escolar no que concerne à melhora na leitura e na interpretação de textos dos alunos da rede pública de ensino, começamos a procurar pelo *Rap* aqui no estado,

sobretudo em Maceió, pois é onde se localiza a escola com os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, buscamos por grupos de raps, batalhas de slam⁴, saraus poéticos, entre outros.

Dessa forma, observamos que havia na cidade uma certa mobilização de grupos com relevante engajamento de jovens na cultura hip hop e que, em Alagoas, o *Rap* existe desde os anos 1980 e, até hoje, segundo Zaro (2014), autor do documentário “A cultura Hip-Hop vive em Alagoas”, não é reconhecido. Esse longa-metragem estritamente alagoano, de produção independente, relata a existência e resistência desse movimento cultural em nosso estado. O longa é dirigido por Zaro, que é militante do movimento hip-hop, morador da periferia, e que sempre teve o desejo de levar a público a importância desse movimento para crianças e jovens da periféricos.

No documentário, podemos observar que esse movimento cultural não é, como muitas pensam, sinônimo de atividades criminais e ilícitas, mas sim um movimento que denuncia o descaso e exige melhoria de vida para a classe trabalhadora, assim como para a juventude da periferia. Dentre os grupos, podemos dar destaque ao “Nois que Faiz”, que desde 2014 tem presença marcante em batalhas, apresentações de break, grafitti e se trata de um “grito” dessa cultura.

Observando as batalhas de rimas de *Rap* em Maceió, nas ruas das cidades, em ônibus, em espaços culturais, como no Teatro Deodoro, percebemos que esses encontros servem para entender, de fato, a representatividade da cultura hip-hop nas comunidades periféricas que buscam incessantemente por representatividade e por seu lugar de direito na sociedade.

Além disso, também tivemos a oportunidade de conversar com Ari de Oliveira⁵, ou Ari Consciência, um militante, pesquisador, ativista negro e educador social, que nos relatou – por meio de uma de suas redes sociais – que o *Rap* chegou por aqui no ano de 1985, e passou a ter uma linguagem de Maceió, apresentando uma ideia de resistência, de orgulho da periferia e do orgulho da descendência africana.

Durante uma palestra que Ari Oliveira, a convite nosso, proferiu para os estudantes, foram trazidos por ele relatos que informam que o *Rap* em Maceió podia ser apreciado na

⁴ O Slam é um molde de competição de poesias criada na década de 80 por Marc Smith em Chicago e que desembarcou no Brasil pelas mãos do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e Memória do Hip Hop em 2008.

⁵ Arivaldo de Oliveira, ou Ari de Oliveira, também conhecido como Ari Consciência, nasceu na comunidade de Ponta Grossa, zona sul de Maceió. Filho do cabo Severiano, militar e cidadão branco, com uma mulher negra, batizada de Cenyra de Oliveira. Ari contribuiu com a construção do movimento Hip-hop, ativista da segunda formação do movimento Negro de Alagoas. Foi coordenador artístico e cultural do primeiro grupo percussivo, o Afro mandela. É educador social, comunicador de Rádio, produtor cultural e pesquisador periférico. Atualmente, é produtor da página “papo de Periferia”, no Instagram. Durante a pandemia, ganhou um prêmio pela lei Aldi Blanc, como “Griô” urbano, por realizar rodas de conversas nas comunidades e no centro de ressocialização de menores em Maceió.

Discol, uma boate que ficava na periferia. A Discol foi fundada em 20 de junho de 1981 e ficou em funcionamento até o ano de 1992. A discoteca, como eram chamadas as casas de dança, era localizada na rua Soledade, hoje rua Dr. Baltazar de Mendonça, Ponta Grossa, próximo à praça Guedes Miranda. Na imagem abaixo, é possível verificar Ari e alguns colegas em uma discoteca.

Figura 1 – Power MCs em apresentação.



Fonte: Acervo pessoal de Ari de Oliveira (2022).

Ainda na oportunidade, tivemos conhecimento, por meio do relato, de que essa boate era onde o público jovem ia para dançar a música negra norte-americana, que tinha o movimento do hip hop. Os jovens da época tinham um estilo próprio de se vestir, segundo o palestrante. Eles usavam calças de marca US Top, tênis *All star* e se encontravam também na frente do cinema São Luiz, que era localizado no Centro de Maceió. Eles levavam seus micros systems e se concentravam ali, dançando para chamar a atenção das meninas dos colégios elitizados de nossa cidade.

Ari relatou que nos encontros feitos no Centro, os b.boys levavam tapetes vermelhos, estendia-os no chão e se punham a dançar o break. Ainda segundo Ari, o *Rap* alagoano surge como resistência, embora não exista comércio de hip hop em Alagoas. Para ele, antes os jovens se reuniam pela dança, pelo beat, mas não havia uma politização. Naquele instante, os

negros que faziam parte do movimento tinham cabelo black, sofriam preconceito, mas desconheciam o porquê.

Não se tinha a consciência da politização, não se tinha a mais remota ideia de que tudo aquilo era cultura e cultura de resistência. Felizmente, hoje em dia, já se tem essa consciência, ainda que muito ainda tenha que ser feito para conscientizar as pessoas. Naquele instante, a galera fazia o hip hop pelo exibicionismo, não existia uma política, era uma diversão. Poucos assimilavam que aquilo era um discurso de resistência, um discurso político pela aceitação da negritude (ARI, 2022, em palestra para os estudantes).

Dessa forma, podemos perceber que o *Rap*, em suas letras, tem cunho de criticidade, sendo objeto de grande valia para as aulas de Língua Portuguesa, no tocante à argumentação, leitura e compreensão de textos.

Figura 2 – Ari Oliveira palestrando para os estudantes.



Fonte: Autora (2022).

Ari ainda diz que hoje, em Maceió, o movimento cresceu, mas não é popularizado, pois muitas pessoas não se identificam com a cor negra ou com sua classe social. De acordo com ele:

O mais louco é que a periferia não se identifica com a própria história. Você pertencer a um grupo social que é maioria, mas que é minorizado, ser preto, ser índio, ser pobre, ser mulher, mãe solteira e não se identificar com a sua origem é algo extremamente louco (ARI, 2022, em palestra para os estudantes).

Segundo o palestrante Ari Oliveira, apesar de o *Rap* ser um movimento de resistência, as pessoas que dele fazem uso não o utilizam enquanto um real discurso de resistência, sendo apenas utilizado nas batalha de rima, sem a real reivindicação de posicionamento social. Logo, as batalhas de rima não são tudo, uma vez que a concretude do discurso de resistência não existe.

2.5.2 O *Rap* na sala de aula

A Literatura se faz presente em cada momento da vida dos seres humanos, ainda que esses não se deem conta. De acordo com Candido (2012)

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2012, p. 177).

Nesse sentido, em comunhão com a afinidade musical expressa pelos discentes, levar o *Rap* à sala de aula pode, antes de tudo, proporcionar um estudo literário a crianças e adolescentes, pois o estudo do *Rap* se trata da apreciação da “voz” de determinado grupo social que denuncia, apoia e combate questões pertinentes ao meio em que esses grupos estão inseridos.

Apresentadas as discussões teóricas que deram embasamento à pesquisa, apresentamos, no capítulo seguinte, o percurso metodológico adotado durante a investigação e escrita da dissertação.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico adotado ao longo da pesquisa. Para tanto, trazemos à baila da discussão o tipo de pesquisa adotado (pesquisa do tipo qualitativa de cunho interventista), o contexto da pesquisa, bem como os instrumentos de coleta de dados. Dito de outro modo, nas seções subsequentes, abordamos os pressupostos metodológicos da investigação, discorrendo, inicialmente, acerca da abordagem adotada, a pesquisa-ação.

3.1 Pesquisa-ação: metodologia para o desenvolvimento da Atividade de Intervenção

Com o objetivo de desenvolver esta pesquisa, fizemos a opção de tomarmos como base a pesquisa-ação, uma vez que a metodologia que fundamenta esse tipo de pesquisa tem por parâmetro a elaboração e aplicação de ações que objetivam contribuir de maneira satisfatória para resolução de problemas vividos em determinada conjuntura social.

Segundo Nisbett e Watt (1978 apud ANDRÉ, 1986), a denominação pesquisa-ação compreende um amplo leque de mecanismos de pesquisa, tais como a pesquisa-diagnóstico, pesquisa participante, pesquisa empírica e pesquisa experimental, entre outras. Nesse sentido, cabe destacar que a pesquisa em tela corresponde a uma pesquisa experimental, haja vista o trabalho desenvolvido pela pesquisado no tocante ao desenvolvimento de uma sequência didática a partir do Rap com alunos da Educação Básica no município de Maceió/AL. Além disso, vale lembrar que a pesquisa-ação se trata de uma investigação sistêmica de competência específica, pois consiste na sucessão de ciclos de pesquisa de complexidade crescente.

Para Tripp (2005), a pesquisa-ação requer ação tanto na área da prática quanto da pesquisa. No trabalho em questão, a pesquisa-ação aqui apresentada tem por objetivo proporcionar aos alunos uma leitura que seja para eles significativa e desperte o prazer pelo ato de ler, além de que eles possam encontrar no texto lido sentido e familiaridade.

a pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica, que consiste essencialmente em relacionar pesquisa e ação em um processo no qual os atores e pesquisadores se envolvem, participando de modo cooperativo na elucidação da realidade em que estão inseridos, não só identificando os problemas coletivos, mas também buscando e experimentando soluções em situação real (THIOLLENT, 2008, p. 14).

Ainda de acordo com Thiollent (2008), a pesquisa-ação produz resultados a partir de diretrizes que se referem à forma de compreender os problemas que são identificados nas situações-problemas e aos modos de ação.

As atividades foram realizadas seguindo o planejamento de uma sequência didática⁶, em que foram realizadas aulas expositivas sobre a música e o *Rap*, bem como oficinas de leitura e compreensão de textos, apreciação de letras de canções de *Rap* e, por fim, a aplicação de atividades sobre a compreensão leitora de textos contendo letras de *Rap*.

⁶ Como o próprio nome nos remete, Sequência Didática (SD) é o conjunto de atividades pensadas com o intuito de atingir um objetivo (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Destinada a desenvolver capacidades de linguagem de três tipos: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas.

Os dados para a avaliação da pesquisa foram gerados a partir dos resultados dos testes de compreensão de texto, de questionários e de outros instrumentos provenientes das interações realizadas em sala de aula.

A utilização do material que servirá de base para o estudo consiste de letras de canções de *Rap* de compositores, grupos e cantores, como, por exemplo, o *rapper* Hungria, Projota e Atitude *Rap*. Fora organizada uma coletânea de letras de *Rap*, a qual reuniu canções abordando vários temas relacionados ao contexto socioeconômico e cultural das comunidades pobres da maioria das cidades do nosso país, incluindo Maceió, onde o *Rap* é muito apreciado, dominando a cultura musical daquelas localidades.

3.2 O Contexto da Pesquisa

Neste tópico, apresentamos o contexto da pesquisa, compreendendo a escola onde se deu a intervenção didática e o perfil dos participantes. Primeiramente, descrevemos a escola-campo que, convém esclarecer, é a instituição onde a pesquisadora leciona há cinco anos, ministrando aulas de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Para a aplicação das atividades da pesquisa-ação, foi escolhida a turma 9º Ano T01, que pertence ao turno vespertino.

Essa turma foi escolhida porque apresentava uma falta de interesse pelos textos trabalhados nas aulas de interpretação textual. A turma em questão tinha uma forte resistência em ler e interpretar qualquer que fosse o texto apresentado. No entanto, a referida turma vivia reunida pelos cantos da escola, cantando e dançando canções de *Rap*. Isso nos chamou bastante atenção e o desejo de trabalhar letras de *Rap*⁷, a fim de resgatar a leitura e aprimorar a questão da compreensão leitora nos alunos da turma.

3.2.1 A escola - campo e protagonista da pesquisa

A escola campo da pesquisa pertence à Rede Estadual de Ensino e está localizada no município de Maceió-AL, em bairro bastante populoso – Tabuleiro dos. Atualmente, a escola funciona nos turnos matutino (Ensino Médio) e vespertino (Ensino Fundamental – 6º ao 9º

⁷ As músicas apresentadas aos alunos foram selecionadas tendo como critério o diálogo que estas possuem com as realidades dos alunos, como o preconceito social, a violência policial, a falta de emprego a fome e a falta de oportunidades. Ao longo do trabalho desenvolvido, tivemos acesso a vários relatos de vida, o que nos levou a refletir, também, sobre quais letras levar á sala de aula. Assim, ouvir as histórias dos alunos fez com que entendêssemos um pouco melhor a realidade e o universo de cada um deles, bem como contribuiu para uma seleção mais criteriosa das canções que faria parte da sequência didática.

Ano). Ademais, essa escola tem uma boa estrutura física: 16 salas de aula, laboratórios, biblioteca e salas especiais. Outrossim, atende a aproximadamente 1000 alunos.

Por fim, cabe destacar que por motivos internos à instituição de ensino, e com vistas a seguir o calendário pré-estabelecido pela escola, a pesquisa começou a ser desenvolvida em julho de 2022, no retorno às aulas presenciais.

3.2.2 Os participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa são alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a maioria na faixa etária entre 14 e 17 anos. Grande parte desses jovens residem em localidades periféricas do grande bairro do Tabuleiro do Martins e são originários de família de classe média baixa e muito baixa. A turma é composta, na sua maioria, por meninas, já que os meninos, nessa comunidade, deixam a escola e se inserem na força de trabalho para ajudar na renda familiar. Esses jovens são oriundos, muitas vezes, de famílias em que os pais têm pouca ou nenhuma escolaridade, muitos são filhos de pais separados, outros não conhecem o pai, entre outras circunstâncias, como órfãos ou adotivos.

A vulnerabilidade econômica desses meninos e meninas é assustadora. Alguns vão à escola com o único objetivo de se alimentar, visto que grande parte dos alunos têm pai e/ou mãe sem emprego e a renda familiar que se destina a esses lares é proveniente de programas do governo, sendo insuficiente para sustentação da família.

3.3 Procedimentos e Instrumentos da Pesquisa

Para operacionalizar a realização da pesquisa, foram previstas atividades dispostas em duas fases. Assim, utilizamos como instrumentos testes de compreensão leitora e questionário. Ademais, utilizamos ainda materiais didáticos, tais como slides e textos impressos.

Fase 1 – Retomada da prática da leitura e compreensão de textos

Nesta fase, mantivemos o primeiro contato com os alunos que, coincidentemente, estavam de volta às aulas presenciais, já que, no momento, a escola estava passando por uma

grande reforma e preparando a estrutura física do prédio para receber os alunos. Assim sendo, retomamos a prática rotineira de leitura do texto impresso, com atividades de compreensão textual por meio de exercícios e testes (múltipla escolha, etc.), utilizando textos variados, inclusive as letras de músicas.

Fase 2 – Interpretação de textos com letras de música do Rap

Nesta fase, direcionamos as atividades de ensino em torno da temática do *Rap*: exposição teórica dialogada sobre a música enquanto manifestação cultural e sobre o referido gênero musical – suas origens e influências na atualidade. Posto isto, tivemos o processo da leitura e interpretação de letras de *Rap* e a aplicação de um questionário de satisfação para colher as opiniões dos alunos acerca das atividades desenvolvidas.

3.4 A Sequência Didática Desenvolvida

A fim de viabilizar a prática de compreensão leitora entre os alunos a partir do tema proposto nesta pesquisa-ação, elaboramos uma sequência didática que é constituída por conteúdos específicos, objetivos, estratégias de ensino e recurso didático.

3.4.1 Plano de sequência didática – compreensão de textos com a canção

Objetivo Geral:

- Promover a escuta e a leitura das letras de *Rap*, previamente selecionadas, que apresentam um discurso e reflexões sobre a vida e a realidade dos alunos.

Objetivos Específicos:

- Convidar os alunos a participarem, por livre e espontânea vontade, dessa experiência;
- Levantar o perfil da turma por meio de questionários;
- Ofertar aulas sobre a história da música, sua origem e sua disseminação pelo mundo;
- Compartilhar as letras de *Rap*;
- Ouvir e apreciar as letras de *Rap*;
- Interpretar as letras de *Rap*;
- Compreender os resultados da atividade realizada;
- Cruzar os dados obtidos em cada etapa com os demais questionários aplicados.

Pensando o objetivo geral e os específicos da sequência didática, elaboramos o seguinte cronograma de atividades:

Quadro 3 – Cronograma com lista de atividades.

LISTA DE ATIVIDADES
1ª SEMANA
<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva sobre música, a história da música (2 aulas); • Discussão sobre a importância do rap (2 aulas); • Leitura das letras de rap (2 aulas).
2ª SEMANA
<ul style="list-style-type: none"> • Escuta das letras de rap (2 aulas); • Realização das atividades propostas (4 aulas).
3ª SEMANA
<ul style="list-style-type: none"> • Palestra com Ari de Oliveira (2 aulas) • Palestra com Ari, Mago Joe e Nato Peixoto (4 aulas)
4ª SEMANA
<ul style="list-style-type: none"> • Produção de letras de rap (3 aulas).

Fonte: A autora (2022).

Apresentado o quadro acima, a seguir, destacamos a descrição das atividades propostas.

3.4.2 Descrição das atividades propostas no Plano de Sequência Didática

Com vistas ao desenvolvimento do gosto pela leitura, utilizando as letras de *Rap* como ferramenta e tendo como propósito principal a pesquisa-ação que foi desenvolvida e relatada neste trabalho, organizamos uma Sequência Didática que abrangeu a parte teórica e a parte prática desta pesquisa. No que diz respeito ao aparato teórico, levamos ao aluno, por meio de slides, os conteúdos que dizem respeito à história da música e à história do *Rap*.

No que diz respeito à parte prática, tivemos um momento para escuta das letras de *Rap* e outro momento que foi destinado à interpretação dessas letras. Antes, porém, da escuta dessas letras, alguns trechos/fragmentos soltos, que foram extraídas dos textos dessas canções, foram escritas no quadro da sala de aula e, posteriormente, perguntamos aos alunos se aquelas frases, aqueles relatos, eram para eles significativos de alguma forma e o porquê. A partir das respostas dos alunos, de seus relatos e de suas vivências, distribuímos os textos dessas canções.

Ainda na fase de audição das letras, levamos à sala de aula uma caixa de som para que fosse possível reproduzir as músicas de *Rap* e os alunos pudessem acompanhar as letras. Após

a escuta das letras de *Rap*, apresentamos aos alunos as atividades de interpretação de texto e questionários de satisfação, para que pudessem se expressar e apresentar suas opiniões sobre a atividade em questão.

3.4.3 Relato da aplicação das atividades

Figura 3 – Momento de aplicação de atividade durante a pesquisa.



Fonte: Autora (2022).

Quando retornamos do recesso escolar e do período remoto por conta da reforma que passava a escola, no primeiro dia de aula, fizemos o convite à turma do 9ºT01 para que pudesse participar do projeto de pesquisa. Informamos à turma no que consiste a pesquisa e deixamos claro que, caso quisessem participar, seria necessária a autorização das famílias. Também evidenciamos que a participação era voluntária, que nada era obrigatório. Ademais, elucidamos que mesmo optando por participar da pesquisa, no decorrer dela, poderiam deixar de participar, não haveria problemas.

Embora a turma seja composta por 39 alunos, muitos só frequentam as aulas em período de provas. Esse fato faz com que tenhamos em sala um número de assíduos bem menor do que o matriculado. A realidade de alunos assíduos na turma do 9ºT01 é oscilante, por vezes temos 25, 30 alunos em sala, outras vezes há apenas 15 ou 20 alunos. Diante dessa realidade de assíduos, nem todos os presentes manifestaram o desejo de participar da pesquisa. Logo, tivemos apenas 15 alunos que se propuseram a nos ajudar com a realização da investigação.

No dia seguinte, nas duas aulas da quarta-feira, dia 20 de julho de 2022, demos início à pesquisa. Falamos, primeiramente, da música e da importância dela na sociedade e em

nossas vidas. Para tanto, na primeira aula da quarta-feira, 20/7/2022, apresentamos slides contando um pouco da história da música. Na segunda aula desse mesmo dia, conectamos uma caixa de som ao celular, usando o sistema de Bluetooth, a fim de que os alunos pudessem escutar as letras de *Rap* que havíamos selecionado, com base no que eles já escutam, para essa atividade.

Após a audição das músicas selecionadas, fora perguntado aos alunos se eles conheciam algumas das músicas. Outrossim, registramos no quadro da sala de aula alguns trechos dessas letras e perguntamos aos alunos se aqueles relatos poderiam fazer parte da realidade de algumas pessoas. Os alunos se envolveram na atividade oral e se mostraram bastantes motivados.

Dado o exposto no que tange ao percurso metodológico adotado, no capítulo seguinte, apresentamos as análises e discussões dos dados obtidos a partir das atividades aplicadas em sala.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS

Neste capítulo, passamos a apresentar o relato das atividades aplicadas, evidenciando, nesse sentido, nossas análises acerca dos dados coletados ao longo da pesquisa.

Primeira parte – Atividades realizadas sobre a música e o *Rap*

Atividade 1- Apresentação dos slides

Apresentação dos slides sobre os elementos que compõem esta pesquisa; música, história da música, linguagem da música, origem do *Rap*. Os slides foram apresentados aos alunos, ao passo que buscamos levá-los a pensar sobre a música, a sua linguagem e a sua função na sociedade.

Atividade 2 – Escuta e apreciação de canções de *Rap*

Após a audição das letras de *Rap*, os alunos foram submetidos à resolução de questionários de compreensão leitora sobre as músicas selecionadas. Nessas atividades, conseguimos obter os resultados que estão apresentados nos quadros abaixo.

Quadro 4 – Letras de *Rap* que mais fizeram os alunos a refletir sobre algumas questões.

Nº	Músicas de <i>Rap</i>	Quantidade de alunos
1	Pânico na Zona Sul	3
2	Aos olhos de uma criança	2
3	A cara do crime	1
4	Transformação	4
5	O <i>Rap</i> começou	4
6	Contraste social	6

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De acordo com o que se pode observar no quadro acima, a música mais conhecida entre os alunos é “Contraste social” (6 alunos), seguida de “Transformação” (4 alunos) e “O *Rap* começou” (4 alunos). Cada uma dessas músicas era conhecida por 6 alunos apenas. As outras músicas, por sua vez, eram conhecidas por, no máximo, 4 alunos. Salientamos que a

música “Contraste social” foi a mais reconhecida, pois, segundo os alunos, essa letra apresenta um relato muito próximo à realidade deles.

Quando analisamos os resultados obtidos, pudemos perceber que o reconhecimento e a interpretação dos alunos perpassam por suas vivências, pelo que quis dizer o compositor, pelo que conseguiu compreender o ouvinte, o leitor da composição. Dessa maneira, conseguimos constatar o que

[...] a interpretação depende assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla; tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. (COSSON, 2012, p. 41).

Dessa forma, compreendemos que para que haja, de fato, uma leitura significativa, é necessário que haja um encontro entre o leitor e o texto lido, pois assim haverá uma compreensão e uma reflexão.

No tocante às letras de *Rap* com as quais os alunos mais se identificaram, de acordo com a colaboração dos alunos participantes, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 5 – Músicas de rap que os alunos conheciam antes do levantamento.

Nº	Músicas de rap	Quantidade de alunos
1	Pânico na Zona Sul	4
2	Aos olhos de uma criança	4
3	A cara do crime	1
4	Transformação	5
5	O Rap começou	1
6	Contraste social	7

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A partir dos dados apresentados no Quadro 5, verificamos as músicas com as quais os alunos mais se identificaram. Nesse sentido, percebemos que a música mais citada pelos estudantes foi “Contraste social”, seguida de “Transformação”.

Se compararmos os resultados desse quadro aos resultados do quadro anterior, podemos verificar que o *Rap* “Contraste social” é aquele com o qual os alunos mais se identificaram e também é o mais conhecido entre os alunos. Isso se deve ao fato de que sua letra apresenta um relato por meio do qual os alunos se reconhecem enquanto sujeitos

pertencentes a uma sociedade que subjuga os negros, favelados e/ou aqueles que têm pouca ou nenhuma formação acadêmica.

Nesse sentido, precisamos ter em mente que a cultura organizacional, analisada a respeito do comportamento do grupo em relação ao indivíduo, poderá ser considerada no que tange à edificação da identidade do sujeito, pois é fato que esse, para que seja construído e se torne um sujeito plural, sofrerá a influência de diversos e distintos grupos ao longo de sua vida. No entanto, seja qual for a identidade construída, partimos do princípio, ainda que meramente constitucional, de que deve existir equidade, segundo o que reza o Artigo 5º da nossa Constituição Federal, fato esse que nos remete à reivindicação de valores e a um pensamento coletivo favorável a mudanças sociais. Logo,

[...] compreender o que constitui uma identidade social é buscar interpretar como essas múltiplas identidades se relacionam em cada indivíduo, como essas identidades se relacionam com o comportamento, pensamentos e emoções e como essas identidades se relacionam com o todo, a sociedade. (BURKE; STETS, 2009, p. 3).

Em relação às letras de *Rap* que apresentam um tema mais próximo à realidade dos alunos, representação das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades, ou seja, questões sociais voltadas aos problemas do gueto, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 6 – Letras de *Rap* que proporcionam melhor compreensão por apresentarem um tema mais próximo à realidade dos alunos.

Nº	Músicas de rap	Quantidade de alunos
1	Pânico na Zona Sul	4
2	Aos olhos de uma criança	5
3	A cara do crime	1
4	Transformação	3
5	O Rap começou	3
6	Contraste social	6

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Como podemos observar, “Contraste social” é a letra que proporcionou melhor compreensão textual aos alunos, seguida de “Aos olhos de uma criança”. Esse resultado, possivelmente, é viável porque a letra de “Contraste social” apresenta as mazelas de uma sociedade miscigenada que não reconhece e não admite suas origens, levando aos alunos a refletirem sobre a mistura de raças, de povos e de etnias. Esse fato nos remete à ideia de que

muitos cidadãos subjugam e oprimem tantos outros por se acharem superiores, seja em relação à condição social, seja por apresentarem uma pele mais clara.

Em coadunação ao que nos diz Balbino e Mota (2006), podemos afirmar que o *Rap* traz à tona a voz do povo da periferia, afinal, encontramos “[...] nas letras de protesto uma forma de gritar para o mundo, de chamar a atenção da sociedade para seus problemas cotidianos [...], é nesta poesia urbana que eles encontram uma forma de extravasar tudo que lhes oprime” (BALBINO; MOTTA, 2006, p. 46). Podemos assim dizer que a letra da música “Contraste social” proporcionou maior compreensão devido ao fato de explanar à sociedade as problemáticas vividas por determinado grupo social.

A continuação, apresentamos um quadro no tocante às letras, segundo os alunos, que mais promovem incentivo à luta e à busca de ideais.

Quadro 7 – Letra de rap que mais promove incentivo à luta e à busca de ideais.

Nº	Músicas de rap	Quantidade de alunos
1	Pânico na Zona Sul	0
2	Aos olhos de uma criança	1
3	A cara do crime	0
4	Transformação	7
5	O Rap começou	0
6	Contraste social	6

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De acordo com o resultado do Quadro 7, a letra de *Rap* que mais promove o incentivo de luta e de busca por suas ideias é “Transformação”. Em seguida, percebemos que a letra, segundo os alunos, que mais promove esse incentivo é “Contraste social”. Ressaltamos que essas ideias podem ser resultado da proximidade dos alunos com a realidade desses temas.

Para dar continuidade com nossa análise, segue a apresentação do Quadro 5, que destaca as letras de rap que denunciam um grave problema social no tocante às crianças.

Quadro 8 – Letra de rap que denuncia um grave problema social relacionado às crianças.

Nº	Músicas de rap	Quantidade de alunos
1	Pânico na Zona Sul	4
2	Aos olhos de uma criança	8

3	A cara do crime	1
4	Transformação	2
5	O Rap começou	0
6	Contraste social	5

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em consonância ao resultado obtido e divulgado no quadro acima, percebemos que os alunos identificaram a letra “Aos olhos de uma criança” como sendo a letra de rap que apresenta um grave problema social relacionado às crianças das comunidades desfavorecidas, a saber: as dificuldades, bem como a violência que o sujeito enfrenta na sociedade. Posto isto, abrimos um parêntese para destacar que Bosi discorre sobre “a direção da objetividade, que pode ser entendida como procura de mensagens (motivo, temas...) que façam do texto um testemunho crítico da realidade social, moral e política” (BOSI, 1994, p. 468). Nessa seara, mais uma vez, o Rap, por intermédio da canção “Aos olhos de uma criança”, apresenta uma crítica social a uma temática que, como aponta o quadro acima, não tem passado despercebida aos olhos da maioria dos estudantes participantes desta pesquisa.

Apresentando conjecturas, acreditamos que esse resultado seja reflexo dos dramas vividos pelos alunos que são pertencentes a comunidades como as citadas nos versos da letra de rap. Outrossim, no quadro a seguir, destacamos as letras de rap que apresentam um grave problema de segurança.

Quadro 9 – Letra de rap que apresenta um grave problema de segurança.

Nº	Músicas de rap	Quantidade de alunos
1	Pânico na Zona Sul	8
2	Aos olhos de uma criança	5
3	A cara do crime	5
4	Transformação	3
5	O Rap começou	0
6	Contraste social	2

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

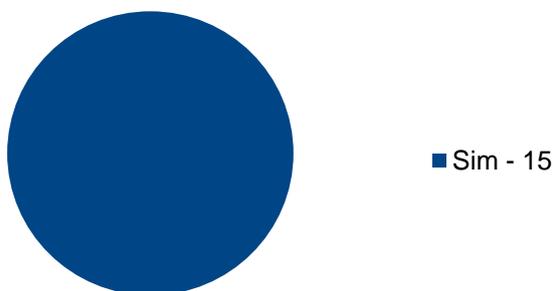
A letra de rap “Pânico na zona sul” foi aquela que os alunos apontaram que mais aborda um grave problema de segurança. Essa letra deixa evidente a ideia de que os moradores de localidades tidas como “perigosas” estão propensos ao massacre, à repressão daqueles que deveriam zelar pelo bem-estar social, como, por exemplo, a polícia.

Os dados obtidos serviram para demonstrar para nós que os alunos, de alguma maneira, puderam se dispor à escuta, reflexão, análise e interpretação de textos. Salientamos que tudo isso só foi possível porque se tratou de um trabalho acompanhado e mediado pela professora. Além disso, também vale salientar que os textos apresentados aos alunos, com o intuito de fazer com que eles lessem, refletissem e os interpretassem são textos pertencentes que dialogam com a realidade dos alunos, fazendo com que eles encontrassem significação naquilo que era lido, escutado e solicitado para interpretar.

4.1 Análise dos Resultados dos Questionários de Satisfação

Nesta subseção, apresentaremos os gráficos referentes aos questionários de satisfação. Os alunos serão, aqui, denominados por números de 1 a 15, a fim de resguardar as identidades dos referidos colaboradores desta pesquisa.

Gráfico 1 – Você gostou das atividades com textos e músicas?

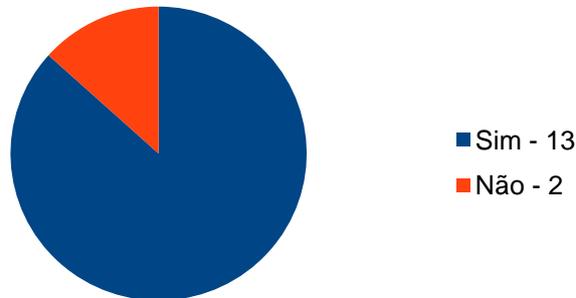


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De acordo com o que pudemos observar no Gráfico 1, houve uma totalidade em relação à aceitação de textos musicais conhecidos para que fossem trabalhados como textos em sala de aula.

Embora o *Rap* venha aparecendo muito nos livros didáticos, as letras apresentadas ainda não são aquelas que despertam o interesse do aluno e, talvez, por essa razão, eles não se sintam tão motivados em participar das aulas, ler os textos propostos e interpretá-los. A continuação, apresentamos o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Você acredita que compreende melhor os textos que trazem um tema mais próximo à realidade que conhece e vive?



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

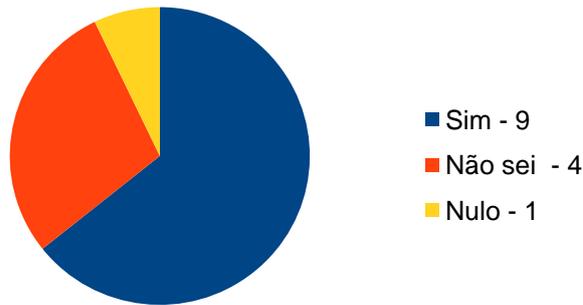
No gráfico 2, podemos verificar que a maioria dos alunos, quase que em sua totalidade, diz ter melhor compreensão dos textos que os remetem a um contexto mais próximo às suas realidades. Fica claro que se trata de uma evidência de que a proximidade com textos conhecidos é um facilitador da aceitação, compreensão e interpretação desses textos.

Em contrapartida, 2 alunos alegaram não terem compreendido melhor os textos que abordam assuntos que conhecem e vivem. Ressaltamos, aqui, que, coincidentemente, esses dois estudantes são filhos de funcionários da escola e que o contexto social desses adolescentes diverge bastante da realidade dos outros alunos.

Por essa razão, acreditamos que a negativa desses garotos, diante desse questionamento, tem a ver com suas realidades e oportunidades, destoando-se, nesse sentido, dos demais colegas de turma. Ainda nessa seara, concordamos com Mosé (2013) ao argumentar acerca da necessidade de uma escola que seja espaço de aprendizado coletivo, de reconhecimento e valorização das diferenças, por meio da qual os alunos possam relacionar situações vividas pelos demais sujeitos que compõe a instituição de ensino (alunos, funcionários, comunidade escolar etc.).

Logo, embora “[...] a aprendizagem deva acontecer em situações em que eles [os alunos] se reconheçam” (MOSÉ, 2013, p. 56, acréscimo nosso), esta também precisa ser a porta para que os educandos aprendam sobre as vivências e o cotidiano dos seus pares, para que possam colocar-se no lugar do outro, valorizando-os e reconhecendo, assim, por meio do estudo e do contato com os outros, a realidade de cada indivíduo.

Gráfico 3 – A audição de músicas conhecidas, no sentido de interpretá-las e trabalhá-las na escola, proporciona uma melhor compreensão desses textos e torna a aula mais significativa?



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em coadunação ao que está posto no gráfico acima, notamos que 9, dentre 15 alunos, disseram ser melhor ouvir músicas que eles já conhecem para interpretar; 4 alunos alegaram que não sabiam responder a essa pergunta e apenas 1 aluno não respondeu a essa questão. Isso evidencia que há um alto índice de aceitação pela audição e interpretação de letras de músicas conhecidas pelos alunos, no tocante a trabalhá-las na sala de aula como texto de apoio.

Por outro lado, 4 estudantes disseram não saber se a audição dessas músicas contribui para que a aula seja mais significativa ou para a compreensão desses textos. Devemos considerar, entretanto, que os 4 alunos que apresentaram tal posição, ao argumentarem sobre suas respostas, não se apresentaram contra a utilização do *Rap*, defendendo, tão somente, que um trabalho com canções precisa ser muito bem organizado e com propósito educativos claros e objetivos.

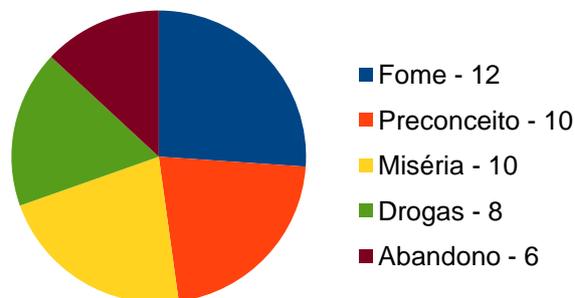
Posto isto, é pertinente destacar que no decorrer do processo de coleta de dados, quando estávamos em sala, realizando as atividades com o grupo, pudemos verificar que os 4 alunos supracitado não se identificavam e não se envolviam tanto nas atividades propostas, aparentando não se sentirem confortáveis com a SD. Isso nos aponta a premissa de que, assim como o planejamento diário do/a professor/a, a sequência didática pode e deve sofrer alterações e adaptações, tendo em vistas, uma efetiva participação dos educandos. Uma atenção maior para esses alunos, a nosso ver, apresenta-se como uma lacuna no

desenvolvimento de nossa SD, visto que não pensamos em um meio que desse ao aluno proeminência, já que não houve um questionamento mais aberto onde esses pudessem expor suas percepções.

Ainda com base nessa ideia, buscamos dialogar com os alunos (não menosprezando seus argumentos), levando-os a entender que as letras de música, audição e interpretação contribuem para que os alunos tenham melhores percepções e despertem a criticidade, afinal, trata-se, a música *Rap*, de um recurso didático de suma relevância educativa e que, ainda nessa seara, a utilização de diferentes linguagens no ensino deve ser considerada enquanto uma importante estratégia para o processo de ensino-aprendizagem para diversas disciplinas, pois, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

[...] as seqüências didáticas são conjuntos de atividades ligadas entre si, que se desenvolvem nas escolas de forma bem organizada, em torno de um gênero textual”. Ressaltamos que a partir do gênero musical rap, realizamos a sistematização dos saberes, pois a diversidade de atividades mobiliza diferentes conhecimentos (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004 p. 95).

Gráfico 4 – Identificação nas letras das canções de 03 mazelas sociais cujas pistas aparecem no texto.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De acordo com o Gráfico 4, percebemos que as mazelas sociais identificadas pelos alunos foram, em ordem decrescente, fome (12 alunos), preconceito (10 alunos), miséria (10 alunos), drogas (8 alunos) e abandono (6 alunos). A questão que nos remeteu ao referido gráfico era aberta e os alunos podiam apresentar 3 mazelas.

Nesse instante, houve, de acordo com Cosson (2012, p. 65), o momento externo, que nada mais é que a socialização do texto, “a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido”. Por essa razão, entendemos que as diferentes escolhas em relação às mazelas dizem respeito à interpretação de cada um dos leitores, às suas

realidades, suas vivências, pois muito embora esses sejam sujeitos de comunidades similares, ou até mesmo da mesma comunidade, cada realidade corresponde a um mundo, ou seja, um contexto social único.

Ainda com base em Cosson (2012), ressaltamos que

[...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2012, p. 66).

Nesse sentido, compreendemos que ao escolherem mazelas distintas, os alunos compartilharam, também, suas experiências de vida e/ou seu modo de compreender/perceber determinada realidade social, relacionando as temáticas às suas vivências.

“Moro perto de uma boca de fumo e não faz muito tempo, a polícia entrou lá comunidade. Eles invandiro como se tudo ali fosse marginal, dera baculejo na geral. Minha mãe fico loca quando me viu na rua, grito e me boto pra dento de casa. Depois, a gente só ouvia tiro. Quando parou, a gente soube que mataro uns 3 de lá” (Relato de um aluno).

Precisamos entender que o Rap tem como um de seus principais aspectos a valorização da experiência de vida. “A mesma experiência individual que é relegada a segundo plano nos bancos escolares transforma-se em tema de reflexão e construção da narrativa poética”. (SILVA, 1999, p. 31). Por essa razão, compreendemos que os alunos das escolas públicas costumam se identificar com as temáticas abordadas nas canções de *Rap* que se assemelham às suas vivências.

Além dessas interpretações, propusemos, também, questões de interpretação de texto sobre a letra de rap “Pânico na zona sul”, como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 10 – Questões de interpretação utilizadas em sala.

**ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
QUESTÕES SOBRE A LETRA DE RAP PÂNICO NA ZONA SUL
PROFESSORA: BIANCA DIAS TURMA: 9ºT01**

NOME: _____

- 1) Logo de início, lemos o título da canção: “Pânico na zona sul”. O que você entende se tratar esse pânico?

2) Após escutar o Rap dos Racionais MC's, o que você acredita estar sendo narrado?

3) Observe a estrofe retirada do texto da canção:

Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece prevalece a ignorância
E nós estamos sós
Ninguém quer ouvir a nossa voz
Cheia de razões calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer a verdade se omite
Pois quem garante o meu dia seguinte

a) O que, provavelmente, ocorre quando o dia escurece?

b) De acordo com o eu-lírico, a narrativa que ali ocorre está restrita ao conhecimento das pessoas daquela localidade. Por que razão outras pessoas não tomam conhecimento dos fatos ali ocorridos?

c) “E nós estamos sós” O que significa essa afirmativa do eu-lírico?

d) Por que razão é dito que o dia seguinte do eu-lírico poderia não ser garantido?

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A partir da escuta da letra dessa canção, os alunos se debruçaram sobre essa atividade a fim de realizar a interpretação de texto que lhes foi apresentada. Nesse instante, os educandos foram induzidos a pensar nesse pânico a que estavam sujeitos os moradores da zona sul, quem eram esses moradores e por que eles sofriam com essa ação.

Cabe destacar que embora o Rap em questão discorra, pensando aqui um recorte geográfico, acerca da realidade do Rio de Janeiro, fora pedido que os estudantes buscassem relacionar a canção às suas realidades locais, ou seja, a cidade de Maceió/AL. Ademais, também levamos os alunos a pensar o porquê de ser mais fácil para a polícia não ouvir aqueles moradores de loteamentos clandestinos e, conseqüentemente, realizar pré-julgamentos. Também perguntamos aos alunos quais eram as possíveis relações estabelecidas entre os moradores das periferias e as pessoas que eram procuradas pelas polícias.

Ainda sobre a interpretação, as respostas dadas pelos alunos nos direcionaram, ainda, ao preconceito social e de gênero, à falta de empatia com o próximo e a certeza dada por muitos de que o morador das comunidades é fadado ao crime.

Na quarta questão dessa atividade, perguntamos aos alunos o que, de acordo com a letra do *Rap*, poderia ser feito para que a situação relatada não viesse mais a acontecer. A resposta de 9 entre os 15 alunos foi de que deveríamos todos ter consciência. Nessa seara, das 9 respostas, destacamos as ponderações de uma aluna, a qual teve espaço para fala durante a aula.

Na ocasião, quando discutíamos as questões de Pânico na zona sul, a aluna, a quem chamaremos de “A.S.”, relatou que mora numa comunidade que tem como nome Vilage Campestre. No momento de fala, a aluna relatou que é comum, naquela localidade, a polícia entrar atirando e encarar a todos os moradores como se fossem marginais. A.S. compartilhou conosco que há 3 anos, um primo, de apenas 18 anos na época, foi morto na localidade. O garoto, segundo suas palavras, era pedreiro, trabalhava com pai e nunca havia se envolvido com nada de “errado”.

Ainda de acordo com A.S., certa noite, seu primo saiu para ver a namorada e foi abordado pela polícia, sendo levado em seguida em uma viatura policial. Após buscas por parte da família, seu corpo foi encontrado no IML. À época, a polícia alegou que ele estava armado, com drogas e que teria aberto fogo contra a polícia. Como desfecho do relato, a estudante relatou que o pai do garoto preferiu não levar o caso adiante, pois tinha um filho menor e temeu pela vida do filho, de sua esposa e pela própria vida.

Esse desabafo nos faz entender como a música reflete a realidade dos estudantes, uma realidade que, como observamos a partir do relato, está bem perto de nós. Outrossim, o relato nos fez reconhecer a importância de ouvirmos os questionamentos/relatos de nossos alunos, compreender o contexto deles, bem como analisar o mundo do ponto de vista deles. Destarte, ressaltamos que temos que levar para sala de aula questões que façam sentido para nossos

alunos, que tenham a ver com suas vivências deles, pois só dessa forma a leitura, a interpretação e a compreensão de texto farão sentido e teremos, de fato, alunos reflexivos.

Em seguida, na última pergunta da atividade, questionamos aos alunos se a realidade mostrada na letra de “Pânico na zona sul” estava restrita àquela localidade. Como resposta, os alunos contestaram que tais fatos/acontecimentos/realidade poderiam acontecer em qualquer lugar periférico. O Rap tem como um dos aspectos centrais a valorização da experiência de vida. Em face disso, é possível compreender o porquê de esses jovens conseguirem uma maior identificação com as composições de *Rap*, pois essas abordam temas que se assemelham às quais eles estão habituados. Desse modo,

Em primeiro lugar, destaca-se a força que tem a palavra e a letra, o poema na produção dos rappers [...]o rap debate, discute. Retoma, nesse sentido, uma das funções que a literatura tem nas sociedades letradas e o faz sem demarcar espaços de separação entre o produtor “autorizado” do texto literário e o consumidor deste (DUARTE, 1999, p. 18-19).

Nesse ínterim, cabe-nos trazer uma analogia ao contraste existente entre a parte “baixa” e a parte “alta” de Maceió, extremos geográficos que se encontram estruturados da seguinte maneira: parte baixo, sendo majoritariamente nobre, elitizada e a parte alta, esta, por sua vez, pobre, periférica, sem saneamento e tratamento de esgoto (sem planejamento urbano estratégico).

Ao concluirmos as atividades de compreensão e análise de textos, verificamos que as atividades de apresentação da história da música, audição de letras de rap e compreensão e análise de textos foram muito proveitosas, pois fizeram com que tivéssemos a certeza de que os alunos precisam e devem ser envolvidos em/com algo que seja, para eles, significativo. A significação dessas atividades proporcionou um expressivo número de alunos que se mostraram envolvidos, que compreenderam e interpretaram textos de forma clara e objetiva.

Em relação ao tempo que levamos para aplicação da atividade, devemos ressaltar que todo o processo foi realizado em duas semanas, após voltarmos presencialmente, depois de um grande período conturbado.

4.2 Palestra com Ari de Oliveira, ativista social, Mago Joe e Nato Peixoto, rappers

Para finalizar o ciclo de atividades, buscamos fazer com que os alunos conhecessem um pouco mais do movimento de resistência que é o *Rap*. Dessa forma, promovemos um encontro entre a turma, Ari de Oliveira, Mago Joe e Nato Peixoto, referências do *Rap* alagoano. O objetivo desse encontro foi proporcionar aos discentes a escuta e compreensão

dos relatos de vida na periferia, as injustiças sofridas e as consequências enfrentadas pelo fato de ser preto, pobre e periférico.

Ari de Oliveira, Mago Joe e Nato Peixoto foram à escola para um encontro com a turma. Na ocasião, os palestrantes falaram da importância de se reconhecer como preto, pobre e periférico. Falaram ainda da visão negativa que a sociedade insiste em ter de pessoas que “não se encaixam nos padrões elitistas” da sociedade opressora. Os convidados falaram da necessidade de não se calar diante do público que deseja oprimir as pessoas que não se encaixam no padrão social. Além disso, os MC’s Nato Peixoto e Mago Joe também falaram aos alunos de como ocorre o processo de construção das rimas.

Após o encontro, em que os alunos também tiveram a oportunidade de assistir a documentários sobre o *Rap* em Alagoas e apresentação de videoclipes em locais marcantes da cidade de Maceió, como o histórico bairro de Bebedouro (lugar de origem de muitos ali presentes), agora um bairro fantasma, atingido por um grave problema ambiental, os estudantes produziram alguns raps. Essas produções trazem à tona algumas de suas histórias, suas vivências.

Figura 4 – Palestra de Ari de Oliveira, Mago Joe e Nato Peixoto.



Fonte: Autora (2022).

É importante frisar que tivemos o cuidado de preservar os alunos, afirmando que esses não deveriam citar nomes para que não fossem expostos. Além disso, nos programamos para

que os alunos dispusessem de certo tempo para a confecção de seus textos. No total, contamos com 2 semanas para que a realização das produções. Essas produções contam experiências vividas pelos próprios alunos, amigos, familiares e pessoas conhecidas. Dentre os depoimentos, o que mais nos chamou a atenção foi a de um garoto. Em seu texto, ele conta um pouco de sua história, do fato de ter conhecido o pai, que faleceu quando a mãe ainda estava grávida de 4 meses. O pai do garoto era dono de uma boca de fumo, usuário de droga e morreu em conflito com a polícia. No texto, o aluno alega conhecer os amigos do pai, morto há 15 anos, e fala que muitos foram mortos da mesma forma que o pai, enquanto outros em decorrência de overdose.

Nesse processo, pudemos constatar a importância da valorização da experiência de vida em sala de aula, os momentos de reflexão obtidos por meio dos textos construídos pelos alunos e oportunizados pelo *Rap*. Dessa forma, para nós, fica, mais uma vez, constatado o fato de que a realidade dos alunos, suas experiências e o que realmente faz sentido para eles é banido do universo escolar, estando além das cadeiras e do ambiente da sala de aula. Por essa razão, sentimo-nos na obrigação de levar para nossos alunos algo que realmente faça sentido. O *Rap* faz bem esse papel, pois serve ao docente como instrumento eficaz, afinal, contribui para resgatar o aluno e faz da escola palco da verdadeira educação.

[...] o hip hop pode servir ao educador como forma de penetrar ao imaginário do aluno e descobrir as razões que geram a atual falta de interesse pelo ensino regular, para então desenvolver estratégias que recuperam o papel da escola como palco de uma verdadeira educação, pautada pelo diálogo – que pressupõe ação e reação de estudantes e professores (PIMENTEL, 1999, p. 108)

Dado o exposto, temos a consciência de que eles, os alunos, devem ter como textos de apoio e realizar produções de algo que seja conhecido e não apenas textos acadêmicos, elitizados. Para tanto, o *Rap* é uma excelente ferramenta, pois se trata de um discurso de resistência e de relatos de realidades próximas às realidades dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada como “*O Rap como instrumento auxiliar na compreensão leitora e no desenvolvimento da consciência crítica de alunos do 9º ano de uma escola pública de Alagoas*” passou por significativos problemas, pois quando iniciamos os estudos estávamos no auge da pandemia de COVID-19, fator impeditivo para que acontecessem as aulas presenciais. Além disso, no momento em que as escolas da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas tiveram a liberação para o retorno das aulas presenciais, a escola da qual a pesquisadora faz parte do quadro integrante, e que é pertencente à 13ª Gerência de ensino, não pôde retomar às atividades presencialmente, isso porque passava por uma grande reforma (pontuamos que a referida reforma se estende até a presente data).

Todos esses fatores colaboraram para o atraso da pesquisa e, evidentemente, nós professores passamos por situações desesperadoras, pois eram muitos os alunos que não entravam nas aulas remotas, não havendo como pôr em prática a pesquisa.

Inicialmente, a questão era compreender de que forma a canção de *Rap* poderia auxiliar os alunos no tocante à interpretação e compreensão leitora entre alunos de 9º ano de uma escola pública do estado de Alagoas. Assim, a fim de tentar compreender tudo o que envolve a compreensão leitora, pesquisamos teóricos que nos levaram a entender que a leitura vai além do que está escrito. Desse modo, compreendemos que ela, a leitura, trata-se de uma prática social que envolve diversos fatores e que existem estratégias que devem ser utilizadas para que se possa chegar à compreensão leitora.

Cabe destacar, ainda, que mergulhar na comunidade fez com que nos aproximássemos cada vez mais dos alunos. Isso nos proporcionou o estreitamento do elo que já existia entre nós (professora e alunos). A partir das práticas e convivências diárias, conseguimos entender o porquê de os alunos não lograrem assimilar conteúdos, bem como abstrair para realizar a devida interpretação de textos.

Faz-se importante ponderarmos que, no que concerne à escolha dos instrumentos de coleta de dados, a utilização do questionário não se deu de forma assertiva, uma vez que as questões objetivas fizeram com que as respostas dos alunos fossem podadas, influenciando, assim, em nossa percepção e entendimento da reflexão de nossos estudantes. Posto isto, enfatizamos que neste trabalho, pensando a pesquisa qualitativa, a escolha por instrumentos

que possibilitassem uma maior liberdade ao aluno para pensar e ao professor para investigar contribuiriam, por sua vez, de forma significativa com nossos resultados finais.

Dito de outro modo, ao compreendermos a relevância de a pesquisa qualitativa estar alicerçada a uma metodologia que nos possibilite escolher o melhor caminho, tornando o trabalho/estudo mais prático e mais científico, além de resgatar nos alunos o pensar, pontuamos que os resultados da nossa pesquisa estão relacionados ao percurso metodológico por nós adotados, o que inclui a seleção e uso dos instrumentos de coleta de dados.

Assim, o exposto reflete e refrata o estudo em tela ao passo que verifica-se uma lacuna no sentido de que não houve, de fato, uma participação e aceitação de todos os alunos, pois pudemos perceber que em todas as atividades propostas alguns educandos não conseguiram se envolver, uma vez que as atividades levadas à sala de aula foram limitadoras e não deram voz a estes. Outrossim, entendemos que, ao propor atividades objetivas de interpretação de texto, os alunos ficaram podados, não sendo ouvidos e impedidos de questionar e analisar tudo aquilo que lhes fora exposto.

À vista disso, entendemos que os caminhos seguidos nesta pesquisa poderiam ter sido outros, de modo que todos os alunos pudessem ter sido envolvidos e ouvidos. Consequentemente, os instrumentos, de certo modo, insuficientes e mal escolhidos, nos trouxeram poucas respostas válidas e confiáveis. Faltou-nos, portanto, o entendimento de que questões objetivas não dão o suporte necessário aos alunos para que esses consigam se expressar de forma crítica, dizer o que realmente entenderam, não gostaram ou deixaram de compreender, assim como uma maior profundidade interpretativa no tocante à pesquisa qualitativa.

Nesse ínterim, precisamos dizer que não houve a totalidade de engajamento por parte dos alunos, fato esse que se tornou perceptível a partir das atividades realizadas em sala e mediante a análise dos dados desta pesquisa, os quais apontaram, ainda, a recusa de participação por um grupo de alunos. Essa recusa, por certo, infere-nos a pensar que alguns alunos não se identificaram ou participaram da SD por não se identificarem com as realidades trazidas pelas letras dos *Raps*, o que nos leva a vislumbrar pesquisas futuras que proporcionem maior liberdade de diálogo entre os pares, seja por meio de conversas em grupos; grupos focais etc.

Apesar disso, podemos inferir que o uso do Rap tem significação no que diz respeito à análise da compreensão leitora e no que concerne a despertar certa criticidade nos alunos, pois embora não tenha havido um envolvimento de todos os alunos, a maioria, nessa turma em específico, conseguiu ser envolvida e demonstrou certa mudança a pontuais percepções de

mundo e entendimento de sua importância na sociedade e reconhecimento de seu espaço na social. O que corrobora outros estudos que também fizeram uso do *Rap*.

Outrossim, enquanto pesquisadores, a pesquisa nos levou a compreender a importância de olharmos os alunos a partir de seus ambientes, entendermos suas linguagens e a necessidade de levarmos para a sala de aula atividades que dialoguem com seus cotidianos, contribuindo para um ensino-aprendizagem significativo e que proporcione relevantes ganhos - no que diz respeito à aprendizagem e sua formação cidadã - para a formação de opiniões.

Por fim, baseados em tudo o que foi lido e tomado como subsídio para realização desta pesquisa e atividade de compreensão leitora, acreditamos que urge a necessidade de, enquanto professores/as, apresentarmos aos alunos textos que tragam, de fato, significação a eles. Acreditamos que seja necessário apresentar aos alunos textos de universos literários, escritores ilustres de nossa língua portuguesa, mas tudo isso não terá a menor representatividade se, antes de qualquer coisa, não fizermos de nossos alunos leitores, cidadãos críticos e capazes de compreender e ler o mundo que os cerca.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Secretaria de Educação de Alagoas - Seduc - **Referencial Curricular de Alagoas para Ensino Fundamental**. Maceió, 2019.
- ANDRADE, E. N. **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 2000.
- ANDRADE, E. N. Hip hop: movimento negrojuvenik. *In*: ANDRADE, E. N. **Rap é educação rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2013.
- ARAUJO, M. I. T. **A Leitura e a escrita na sala de aula: análise de uma intervenção na escola**. Programa em Letras, Universidade Estadual de Alagoas, 2008.
- BALBINO, J.; MOTTA, A. **Hip hop: a cultura marginal do povo para o povo**. São João da Boa Vista: UNIFAE, 2006.
- BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. 39.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BURKE, P. J.; STETS, J. E. **Identity theory**. Oxford University Prss, New York, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.
- CAFIERO, D. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2010.
- CANDIDO, A. O direito à Literatura. *In*: LIMA, Aldo de (org.) et al. **O direito à literatura**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.
- CASTANHEIRA, F. S.; MACHADO, R. V.; RICARDO, B. M. S. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, N. B. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. *In*: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. (orgs.). **Gêneros textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 117-132.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. 'Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento'. *In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

DUARTE, G. R. A Arte na (da) periferia; sobrevivências. *In: ANDRADE, E. N (org). Rap e educação rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 51. Ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, P. **Pesagogia da esperança**, 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In: KLEIMAN, A. B. (org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1993. p. 15-61.

KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. Leitura: um desafio sempre atual. **Revista PEC**. Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-12, jul. 2001-jul. 2002.

LOUREIRO, B. R. C. Arte, cultura e política na história do rap nacional. **Revistas do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63 abr., p. 235-241, 2016.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MICHAELIS. **Dicionário on-line da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/musica>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

PIMENTEL, S. Hip hop como utopia. *In: ANDRADE, E. N. Rap e educação rap é educação*. São Paulo; Summus, 1999.

PINTO, T. Som E Música. Questões de Uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**, v. 44 (1), p.222-286, 2001.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. 2002. Disponível em: <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013121153a8f1155045828c12733b68e/Letramento_e_capacidade_de_leitura_pra_cidadania_2004.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SANTOS, R. A. M. **Reflexão crítica sobre os processos de sociabilidade entre o público juvenil na cidade de São Paulo na identificação com a musicalidade do Rap Nacional**. 2002. 249f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). ECA – Escola de

Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-10102006-170247/publico/mestrado_dissertacao.pdf. Acesso em: 23 jan. 2023.

SILVA, A. L. **Nas ondas do rap**: surfar na arte de narrar. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, E. T. **Leitura em curso**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, E. T. **Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, J. C. G. Arte e educação; a experiência do movimento hip hop paulistano. *In*: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). **Rap e educação rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

SILVEIRA, M. I. M.; OLIVEIRA, F. J. D. **Leitura**: Abordagem cognitiva. Maceió: Edufal, 2015.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUSA, L. **A poesia Rap das ruas para a escola**: uma estratégia de leitura e produção. Teresina: Editora Clube dos autores, 2020.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

SPINDOLA, A. M. A. Leitura: fator de desenvolvimento. *In*: SPINDOLA, A. M. A. **Estudos de Literatura Infanto-Juvenil**: Ferramenta imprescindível na formação de professores. Campo-Grande: Editora da UFMS, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005., p. 443-466.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZABALA, A. **A prática educativa como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAZO MCZ. **A Cultura hip hop vive em Alagoas**. YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-j4Q3Sr59F8&ab_channel=ZazoMcz>. Acesso em: 3 jul. 2022.

ZIMMEMANN, N. **A música através dos tempos**. São Paulo: Paulinas, 1996.

ZILBERMAN, R. **Fim dos livros, fim dos leitores?** 20. ed. São Paulo: Editora do SENAC, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OBTENÇÃO DE DADOS DO PERFIL DOS ALUNOS

QUESTIONÁRIO

Estimado (a) aluno (a),

Você está participando de uma pesquisa de Mestrado sobre o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, especificamente, sobre o gênero Rap em sala de aula. Esta pesquisa tem como informantes alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de nossa escola. Assim sendo, peço que responda o questionário abaixo.

Você não é obrigado(a) a assinar este questionário.

Muito obrigada por sua colaboração!

Profa. Bianca de Fátima dos Santos Dias

QUESTIONÁRIO – PERFIL DO ALUNO

I – DADOS PESSOAIS

1) Qual a sua idade?

() de 10 a 12 anos

() de 13 a 15 anos

() Outra idade. Qual? _____

2) Com qual identidade de gênero você se identifica.

() Masculino

() Feminino

() Outro. Qual? _____

() Prefiro não dizer

3) Onde você mora?

4) Com quem você mora?

() Com os pais

() Só com a mãe

() Só com o pai

() Com os avós

() Com outros. Quem? _____

5) Você trabalha?

() Sim

() Não

Caso você trabalhe, informe em que você trabalha.

II – DADOS SOCIOCULTURAIS**6) Qual o nível de escolarização dos seus pais ou responsáveis?**

MÃE

Ensino Fundamental () completo () incompleto

Ensino Médio () completo () incompleto

Ensino superior () completo () incompleto

Minha mãe não sabe ler ()

PAI

Ensino Fundamental () completo () incompleto

Ensino Médio () completo () incompleto

Ensino superior () completo () incompleto

Meu pai não sabe ler ()

RESPONSÁVEL

Ensino Fundamental () completo () incompleto

Ensino Médio () completo () incompleto

Ensino superior () completo () incompleto

Meu (Minha) responsável não sabe ler ()

7) O que você faz no seu tempo livre? Quais são suas formas de lazer preferidas? Assinale até três opções.

() Televisão () Cinema () Computador () Prática de esporte
 () Celular () Ouvir música () Leitura

8) Assinale o que você costuma ler nas suas horas de folga (fora da escola). Assinale até três opções.

() Jornais
 () Revistas
 () Livros que geraram filmes
 () Livro paradidático
 () Livro de autoajuda
 () Livros de aventuras
 () Somente textos de livros didáticos

- () Histórias em quadrinho
- () Mensagens de redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp)
- () Bíblia
- () Outros. Quais? _____

III- DADOS DE ESCOLARIZAÇÃO

9) Você gosta de estudar?

- () Sim
- () Não

Justifique a sua resposta.

10) Você está cursando o 9º ano pela primeira vez?

- () Sim
- () Não

11) Você já foi retido em alguma série?

Caso sua resposta tenha sido sim, informe qual série e quantas vezes.

12) Qual a disciplina que você mais gosta de estudar?

- Língua Portuguesa Matemática Geografia Biologia Arte
 História Educação Física Ensino Religioso Língua Inglesa
 Química Física

Por quê? _____

13) Qual disciplina você menos gosta de estudar?

- Língua Portuguesa Matemática Geografia Biologia Arte
 História Educação Física Ensino Religioso Língua Inglesa
 Química Física

Por quê? _____

14) O que está faltando em sua escola para melhorar a prática e o desenvolvimento da leitura dos(as) estudantes?

15) Quando criança, você costumava ouvir histórias infantis, como Contos de fada ou outras histórias infantis?

- Sim Não

Se sim, quem contava histórias para você? _____

16) Você se identifica com qual (quais) momento (s) na (s) aula (s) de Língua Portuguesa?

- Momentos de leitura

- () Momentos de produção de textos
 () Aulas de gramática

17) Você gosta de ler?

- () Sim () Não () Tenho dificuldades

18) Você gosta de ler todos os livros indicados pela professora?

- () Sim () Não () Mais ou menos

Por quê? _____

19) Cite os livros de que você mais gostou de ler.

20) Dentre as atividades abaixo, quais são as que você mais passa tempo diariamente?

- | | |
|-------------------------------------|--|
| () Assistindo à televisão | () Usando o computador para me entreter |
| () Estudando assuntos da escola | () Lendo textos ou livros diversos |
| () Na rua; comércio ou no shopping | () Em encontros com amigos |
| () Usando o celular | () Outras atividades |

Cite: _____

IV- LEITURA NA SALA DE AULA

22) Nas aulas de leitura em sala de aula, de que atividade você mais gosta?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOBRE GOSTO MUSICAL

1) Qual a sua idade?

de 10 a 12 anos de 13 a 15 anos Outra idade. Qual?_____

2) Com qual identidade de gênero você se identifica?

Masculino Feminino

3) De qual gênero musical você mais gosta?

Funk Sertanejo Rock Forró Pagode Rap
 MPB Samba Reggae Outro_____

4) O gênero musical que você prefere te influencia em qual aspecto?

Modo de vestir Lugares que frequenta Pessoas com as quais se relaciona ou mantém contato

Nenhuma das alternativas Outro _____

5) Você escuta música com que frequência?

Sempre Às vezes Raramente Nunca

6) De qual gênero musical você não gosta?

- Funk Pagode RAP Samba Sertanejo
 MPB Rock Forró Reggae
 Outro. Qual? _____

7) Você acha que a música pode influenciar nos seus sentimentos?

- Sim Talvez Raramente Não

8) O que mais chama a sua atenção em uma música?

- Melodia Cantor/cantora / banda Letra
 Outro. Qual? _____

9) Você acha que a música pode ser um meio de reivindicar seus direitos, expressar/ externar alguma insatisfação que não consiga, possivelmente, com as próprias palavras?

- Sim Talvez Raramente Não

10) Normalmente, onde você escuta as músicas de sua preferência?

- No computador Na televisão No rádio
 No celular Outro _____

11) Você acha que música e poesia têm tudo a ver?

- Sim Talvez Raramente Não

12) Qual é o ritmo musical de sua preferência?

- Lento Ritmadas ou batidas Pancadão
 Nenhuma dessas

13) Você já escutou ou escuta rap? Sim Não**14) Quais rappers você escuta?** Poze Hungria Racionais MC's Djonga Matuê Emicida Mano Brown Xamã Outro. Qual? _____

APÊNDICE C - ATIVIDADES

COMPREENSÃO LEITORA COM LETRAS DE MÚSICA DO GÊNERO RAP. EXPERIÊNCIA DE LEITURA

ATIVIDADES

PRIMEIRA PARTE

I – Leia os textos de música do gênero Rap e identifique o texto em que o(a) compositor(a):

- Letra de rap que você já conhece _____
- Letra de rap que mais te fez refletir _____
- Promove um incentivo à luta e à busca de ideais _____
- Denuncia um grave problema relacionado às crianças das comunidades desfavorecidas

- Exalta o gênero musical Rap _____
- Aborda um grave problema de segurança
pública _____

SEGUNDA PARTE

II- Identifique nas letras das canções, 3 mazelas sociais cujas pistas aparecem no texto.

2- Transcreva o trecho da canção em que o(a) autor(a) deixa clara a relação entre ser negro(a) e ser perseguido(a) até hoje.

3 – No decorrer de um dos textos, a quem o eu-lírico atribui a opressão sofrida pelas maiorias minorizadas?

LÍNGUA PORTUGUESA

O RAP COMO GÊNERO MUSICAL: ANÁLISE CRÍTICA DE COMPREENSÃO LEITORA DOS(AS) ALUNOS(AS) 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ALAGOAS

PROFESSORA: Bianca Dias

TURMA: 9º ANO DATA: _____

ALUNO(A): _____

Compreendendo o texto e avaliando a atividade

1) Qual música te fez refletir sobre algum ponto relevante (desigualdade social, preconceito, racismo)? Por quê?

2) Você já conhecia alguma dessas músicas? Qual (Quais)?

3) Por que razão se pode afirmar que as histórias abordadas nas letras das canções poderiam ser a realidade de alguém?

Capriche na produção de seu trabalho!

Data da entrega:

Caros(as) alunos(as), gostaria de que vocês respondessem as perguntas abaixo sobre a nossa aula. A nossa pesquisa consiste na obtenção de dados através das respostas de questionários respondidos por vocês sobre a compreensão de textos de letras de músicas de RAP, que é o objeto de nosso estudo.

PERGUNTAS:

1) Você gostou da atividade com textos e músicas?

2) Você acredita que compreende melhor os textos que trazem um contexto mais próximo à realidade que se conhece e se vive?

3) A audição de músicas conhecidas, no sentido de interpretá-las e trabalha-las na escola, proporciona uma melhor compreensão desses textos e torna a aula mais significativa? Por quê?

ANEXOS

ANEXO A - LETRAS DE RAP

<p>TEXTO 1</p>

A Cara do Crime

Mc Poze do Rodo

É o poze do rodo
 A cara do crime
 Ela fala que quer crime e
 eu sou criminoso
 Ela é da zona sul e eu sou
 cria do rodo
 Ela fala que me ama mas
 não me engana
 Que vagabundo nato não
 se apaixonava
 Mas se for um lance é o
 bicho
 Pode fuder comigo que eu
 vou fuder contigo
 Tesão com perigo, ela
 gosta de bandido
 Neobeats é envolvido
 Que patricinha doida,
 quer entrar no carro
 Bicho, agora vamo dar
 um giro
 Leva ela nos alto pra ela
 ver o rio todinho
 Pega a visão como o
 complexo tá lindo
 Como o complexo tá
 lindo
 Tá na paz de deus
 Que permaneça essa

tranquilidade, na
 comunidade uhh
 Peço a lili dos amigo que
 estão privado (lili)
 Saudade bate no meu
 peito dos cria
 Que não estão mais aqui,
 aqui
 Tá na paz de deus
 Que permaneça essa
 tranquilidade, na
 comunidade uhh
 Peço a lili dos amigo que
 estão privado (lili)
 Saudade bate no meu
 peito
 Dos cria que não estão
 mais aqui, aqui

Bielzin
 Diferenciado eu tô
 Muito avançado
 Elas sente o faro e quer
 entrar na minha santa fé
 Eles fica puto, né? vou
 fazer o que, né?
 Sigo minha vida na fé que
 foguete não dá ré
 Nós incomoda, favelado

chique empilhando as
 nota
 Enquadro na blitz, os
 caninha bola
 Sempre pergunta se no
 carro tem droga
 Pode revistar que depois
 tu me fala
 O carro tá quitado vai
 arrumar nada
 Me libera logo quero ir
 nas gata
 Minha vida é muito tensa,
 várias revoada
 Eu já tô atrasado pra festa
 privada
 Então deixa, deixa o trem
 caro passar

Tá na paz de deus
 Que permaneça essa
 tranquilidade, na
 comunidade uhh
 Peço a lili dos amigo que
 tão privado (lili)
 Saudade bate no meu
 peito
 Dos cria que não estão
 mais aqui, aqui

Pl quest
 Perfumado e trajado
 Hoje o baile tá lotado
 O cabelo tá na régua, nós
 a cara do enquadro
 Delegado não entende a
 filha dele do meu lado
 Escondendo no sutiã, md
 e baseado
 Nós para tudo
 Se pergunta quem é o
 pretin
 Eles não entendem de
 onde vem tanto dindin
 Querem saber se é artista
 ou se é vagabundo (não
 vo dizer)
 Pesquisa meu nome no
 google
 Perfumado e trajado
 Ela quer o pl quest
 Nós é a cara do crime,
 quando senta não se
 esquece
 Prosperidade, eu sei que a
 chumbada venceu

Hoje nós faz dinheiro na
 paz de deus
 [mc poze do rodo)
 Que permaneça essa
 tranquilidade, na
 comunidade uhh
 Peço a lili dos amigo que
 tão privado (lili)
 Saudade bate no meu
 peito
 Dos cria que não estão
 mais aqui, aqui

 Fé fé
 Virei alvo de inveja, o teu
 sonho e da tuas amiga
 Mostrei na prática como
 se faz, dei a volta por
 cima
 Me lembro de todos que
 riram de mim quando eu
 comecei
 É o mesmo que quer meu
 lugar, usufruir do que eu
 conquistei
 Mei kilo de ouro no meu
 pescoço

Bmw com banco de couro
 Pelo meus crias eu
 também mato e morro,
 fora da lei
 Se não quer problema,
 então deixa o trem caro
 passar
 Se eles falar que tem peito
 então manda peitar
 Que o papo do mano é um
 só, nós não vai recuar
 Nós não vai recuar, por
 que?
 Tá na paz de deus

Que permaneça essa
 tranquilidade, na
 comunidade uhh
 Peço a lili dos amigo que
 tão privado (lili)
 Saudade bate no meu
 peito
 Dos cria que não estão
 mais aqui, aqui

<p>TEXTO 2</p>

Transformação
MV Bill

Sou da terra de ninguém
Onde quem tem manda em quem não tem
Meu país é rico, só divide mal sua riqueza
Muitos com pouco, poucos com muito,
E tratam com frieza quem é de origem favelada,
Vida abalada, dura caminhada
Nosso país com dimensões continentais
Quem não tem quer ter,
Quem tem, quer ter mais
Deixa tudo desigual,
Gente analfabeta no cenário atual
Não pode ser normal ver
Muita adolescente sendo mãe fora de hora
Marca sua vida com o pai que vai embora
É comum do lado de cá
A escola abandonada
Por quem tem que trabalhar
Desigual, a minoria rica não se abala,
Vive trancada, escondida num condomínio
Assistindo da aera VIP um extermínio
De um povo que luta
pode se apagar
Há muita coisa a ser mudada
Não quero fazer parte do bonde
Dos que só falam e não fazem

Sem as armas adequadas,
Várias vidas foram dizimadas,
Histórias apagadas,
Relações de conflitos foram geradas,
Quem é preto como eu
Fica indignado quando vê o boy
Tomando o espaço que é seu
Quem não se indigna
Não vai fugir da cerca,
E vai seguir permitindo
A mão que assassina.

Transformação quando visto meu manto
Hora do combate,
Então enxugue o seu pranto
Vivo o que canto,
Meu orgulho talvez cause espanto,
Balanço e levanto,
Por isso eu to de pé.
Reto e direto pra quebrar o encanto
Em cada canto,
Depende da sua fé,
É nós que ta, pra mudar por enquanto
Só no adianto.

nada,
Sem se mover, cada um no seu lugar,
Perderam a capacidade de se indignar

O tempo não para,
Tem gente que apanha
E não toma vergonha na cara
Ficaram parados no tempo
Envaidecidos dividiram o movimento
Veja só o rap,
Virou o partido da cara feia
Estão mais preocupados
Em cuidar da vida alheia,
Com grandes bonés,
Pequenas idéias,
Falso reinado, coroa de rei,
Castelo de areia,
O discurso envelheceu
Até a favela no meio da miséria cresceu
Tem vídeo game de última geração,
Tênis bom,
Na velocidade que ta no momento
Não da pra manipular
Com esse tipo de pensamento
Que vem de dentro
Da favela ao centro
Existe um lamento
Embutido no sentimento
Que não deixa calar
A Voz que ta no ar
A chama combativa não

Só tem força quando é nós
contra nós
Na frente do opressor baixa cabeça
E perde a voz,

O mesmo opressor é
 Aquele que faz as leis,
 Desfavorece nós pra não
 chegar a nossa vez
 Sem timidez, não me canso
 Enquanto não tiver avanço,
 Com poucos aliados
 Pois nosso povo é manso,
 Só vira bicho quando o
 assunto é futebol
 Nudez no carnaval, latinha de
 Skol,
 É tipo cirurgia sem anestesia,
 Bebendo do veneno
 entorpecente
 Todo dia, seguindo a cartilha
 Que aprisiona a mente,
 Parece que essa gente está
 doente.

TEXTO 3

O Rap Começou

Atitude Rap

Faz tempo que o rap vem
 tremendo o chão

Sacudindo o mundão através
 da conexão 2x

Do ritmo da rima e todo mundo
 no refrão

O rap começou e pode crer é
 invasão

O rap é a poesia do gueto

E eu o mensageiro rimando o
 sofrimento

O amor e a alegria de cada
 momento

O rap já invadiu uma pá de
 apartamento

Dos playboys que nos julgo por
 ser violento

A mídia a burguesia, todo
 mundo apostou.

Na sua mente já entro a rima já
 escuto

Então pode acreditar que o rap
 começou

Letra por letra, palavra por
 palavra.

Improvizando, cantando de
 quebrada a quebrada.

Pior que tempestade, tipo
 turbilhão.

Arrebentando as correntes de
 toda repressão

Faz tempo que o rap vem
 tremendo o chão

Sacudindo o mundão através
 da conexão 2x

Do ritmo da rima e todo mundo
 no refrão

O rap começou e pode crer é
 invasão

Ritmo, amor e também poesia.

Sigla r.a.p cantada com alegria

Rimando muito forte fazendo a
 conexão

Batendo no peito igual o
 coração

O rap não se cala em nenhum
 momento

Chega ser romântico e até
 violento

Quando rap chega, chega pra
 abalar.

Denunciando os cuzão que só
 vem pra roubar

O rap começou e se espalhou
 pelo mundo

Agora ta no coração de todos
 os vagabundos

Espero que não, que não seja
 em vão.

O rap na intenção vale mais do
 que cifrao

Acreditando de coração, ponho
 fé nos irmãos.

E na ideologia que o rap passa
 no mundão

Que entra no pensamento,
 mensagem 100%.

Realista, positiva e os playboy
 tomo nos dedo

Faz tempo que o rap vem
 tremendo o chão

Sacudindo o mundão através
 da conexão 2x

Do ritmo da rima e todo mundo
 no refrão

O rap começou e pode crer é
 invasão

O rap chegou e entrou
 rasgando o mundo

Pra denunciar, acaba explodir
 com tudo.

Mesmo na humildade e com
 dignidade

Esse é o nosso rap penetrando
 até blindado

Sem maquiagem, só pra fala a
 verdade.

Não é pra dar risada isso aqui
 não é bobagem

Tremendo o chão, invadindo e
 mundão.

Sem fazer valer outra vez a lei
 do cão

O rap veio pra mudar, tentar ultrapassar.

Do limite que o sistema quer nos colocar

Pode crer, eu sei, que é foda se envolver

Mais pra mudar alguma coisa, tem que querer.

Fazendo o chão tremer, as paredes balançar

O movimento aqui veio, pra revolucionar.

Abalando geral, causando espanto.

Com uma batida forte é o rap dominando
Faz tempo que o rap vem tremendo o chão

Sacudindo o mundão através da conexão 3x

Do ritmo da rima e todo mundo no refrão

O rap começou e pode crer é invasão



Contraste Social MV Bill

Rio de Janeiro
Morro e asfalto
Favela e condomínio
Contraste social

Eu quero denunciar o contraste social
Enquanto o rico vive bem, o povo pobre vive mal
Cidade maravilhosa é uma grande ilusão
Desemprego, pobreza, miséria, corpos no chão
As crianças da favela não tem direito ao lazer
Governantes só falam e nada querem fazer
O posto de saúde é uma indecência

Só atendem se o caso for uma emergência
A sociedade capitalista com o sorriso aberto
Rir de longe é melhor do que sofrer de perto
Miséria e morte é o nosso dia a dia
Pelo menos entre nós não existe judaria
Um amigo estudou, não teve oportunidade
Brigou, lutou por sua dignidade
Mais uma vez, por falta de opção

O seu trabalho foi na boca com uma nove na mão
Ele queria um dia voltar atrás
Infelizmente esse amigo já não vive mais
Se ele tivesse uma chance, podia ser trabalhador
Como não teve, para o inferno alguém lhe mandou

Contraste social, o povo pobre é quem vive mal
Eles querem negão dentro da prisão
Contraste social, o povo pobre é quem vive mal
Eles querem negão dentro da prisão

Estouram uma boca de fumo, o traficante é preso
Para a alegria da polícia, o traficante é preto
Na cadeia com certeza vai passar muito tempo
Mas se tivesse dinheiro teria um justo julgamento
Num país onde o dinheiro domina

Família faz da praça a sua morada
A política é movida através de propina

Um inocente é condenado sem ter feito nada
E assim vamos fazendo o que
Diz a bandeira

Ordem e progresso no país de terceiro mundo
Não queremos ser tratados de qualquer maneira
Como se todos na favela fossem vagabundos
Quem está por cima não esquentar não
Ri de nós e joga o osso para o munda cão
27 de janeiro de 1994

Uma mulher com as costas cheias de buraco
Estava parada com a filha na fila do orelhão
Recebeu pelas costas dois tiros de bagulhão
A filha ficou ferida e a mãe morreu

Mais um fato ocorrido na Cidade de Deus
O mesmo não acontece na Zona Sul
Não foi bandido quem matou, tava com a farda azul
Não quero fazer sensacionalismo
Apenas te mostrar que a gente vive na beira do abismo

Contraste social, o povo pobre é quem vive mal
Eles querem negão dentro da prisão
Contraste social, o povo pobre é quem vive mal
Eles querem negão dentro da prisão

O coletivo de favelado agora é arrastão
Discriminados na rua, na praia, na condução
A televisão esquece da pobreza
Impondo a playboyzada como padrão de beleza
Por isso que muito cara fica revoltado

Com o sistema que deixa os pobres acorrentados
Deve ser muito fácil falar da cobertura
Daqui debaixo aonde eu tô a realidade é bem mais dura
Aqui não tem playground, não tem carro do ano
Aqui não tem piscina com playboy nadando

Aqui não tem shopping, não tem boate
Mas tem soldado de azul brincando de SWAT
Tem água de esgoto passando na rua
Tem gente sem casa, dormindo na chuva
Aqui não tem lazer, não tem quadra de basquete
A pelada é no CIEP

Porrada que a gente levava no tronco
Agora levamos na rua e pronto
Ficamos com a boca fechada porque não queremos ir para o inferno
Te mandam pro saco dentro do buraco, esse é o mundo moderno
Tiro de doze, metralhadora e se acabou

A vida de mais um irmão, que pelos direitos reclamou
Fique ligado, nada mudou, veja o que se passou
Chibatada que a gente levava no tronco não cicatrizou
Se você não se ligou
Se liga então, nada mudou
Se na sua cabeça, eu estou equivocado
Desça da cobertura e passe aperto do meu lado

Contraste social, o povo pobre é quem vive mal
Eles querem negão dentro da prisão
Contraste social, o povo pobre é quem vive mal
Eles querem negão dentro da prisão

ANEXO B - DECLARAÇÃO DAS PESQUISADORAS.

DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES

Título do projeto: O Rap como instrumento auxiliar na compreensão leitora e no desenvolvimento da consciência crítica entre alunos de nono ano de uma escola pública.

Pesquisador responsável: Bianca de Fátima dos Santos Dias

Pesquisador (es) colaborador (es): Não se enquadra (não há pesquisador (es) colaborador (es)).

Classificação da Pesquisa:

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Iniciação científica | <input checked="" type="checkbox"/> Dissertação/Mestrado |
| <input type="checkbox"/> TCC/Graduação | <input type="checkbox"/> Tese/Doutorado |
| <input type="checkbox"/> TCC/Especialização | <input type="checkbox"/> Projeto Institucional |

Declaramos que a coleta de dados não foi iniciada e iniciará somente após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, que possui prazos estabelecidos pelas Resoluções vigentes para análise e apreciação dos documentos apresentados por nós, via Plataforma Brasil.

Garantimos que os resultados do estudo serão divulgados para os participantes da pesquisa e instituições onde os dados foram obtidos, bem como que, ao encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, não haverá exposição de dados que levem ao reconhecimento e constrangimento dos participantes e locais envolvidos.

Declaramos também, ciência das implicações impostas pelas Resoluções vigentes quanto ao não cumprimento dos requisitos citados. Ademais, ainda no que diz respeito aos dados coletados (questionário, entrevista e gravações de aulas), estes serão armazenados em ambiente seguro e controlado pelo pesquisador, pelo prazo de 5 (cinco) anos. Os dados poderão ser excluídos antes desse prazo, no entanto, por motivo de lei e/ou determinação judicial, os dados podem ser mantidos por período superior. Findada a pesquisa de mestrado, assim como o tempo mínimo de armazenamento, os mesmos serão excluídos com uso de métodos de descarte seguro.

Bianca de Fátima dos Santos Dias

16 de maio de 2022

**ANEXO C – SUBMISSÃO AO CEP.
ANEXO C – PRODUÇÕES DOS ALUNOS.**

meu pai tinha só 21 anos.
 casou com minha mãe
 com eu na barriga

sem emprego, sem nada
 passando fome
 um colega disse
 ele matou, não te conte a vida
 se liga, irmãos
 eu fui tu sou o depois
 tem esse negócio aqui
 pro nós também
 - Barro frito?

ele se matou no prato
 a droga foi vendi
 marca
 o jeito fácil, ele nos vai
 cheirando pra
 a vida dele um nó

a faliga um dia chegou
 um Batato no peito,
 de festa

eu não quero ir pro outro
 prefero pra escalar assim
 nós tenho muito felicidade
 pro canto



mais um bom futuro ad conquista

A VIDA DO PRETO POBRE
NÃO É FÁCIL
NÃO É FÁCIL

ACORDAR TODO DIA
IR TRABALHAR
IR ESTUDAR

PEUSAR NO FUTURO
QUERER VENCER
RA MEU FILHO
UM DIA, COMO EU
NÃO SOFRA

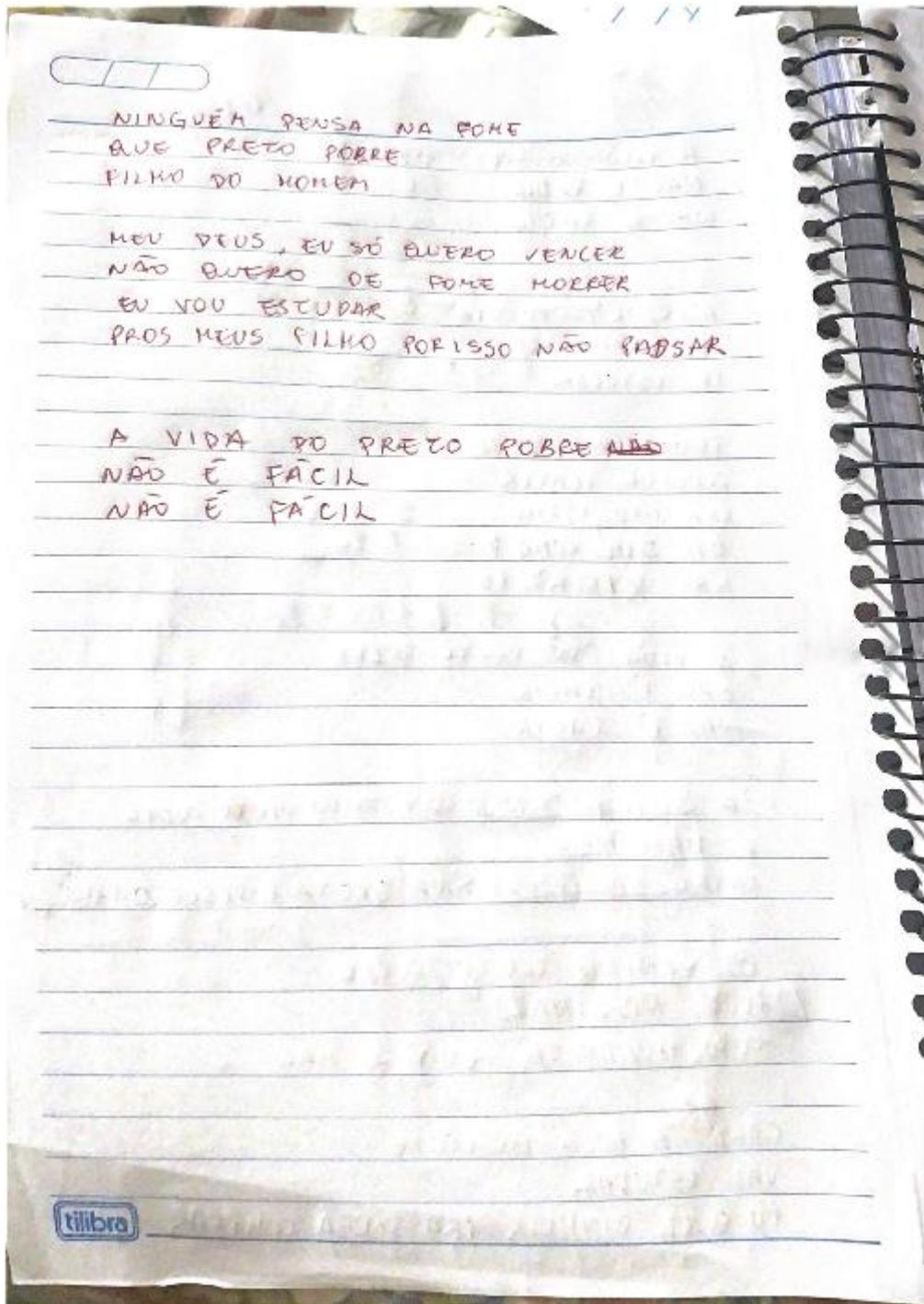
A VIDA DO PRETO POBRE
NÃO É FÁCIL
NÃO É FÁCIL

A POLÍCIA PENSA QUE TODO PRETO POBRE
É MARGINAL
ENTRA NA FAVELA, NA GROTA E DESCE O PAU

OS MENINOS PRETO POBRE
SEDE NO SINAR
TODO MUNDO JÁ LEVA A MAL

COM A BOCA MOLEQUE
VAI ESTUDAR
TU QUER DINHEIRO PRA DROGA COMPRAR

tilibra



ANEXO D – SUBMISSÃO AO CEP.

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS	
1. Projeto de Pesquisa: O RAP COMO INSTRUMENTO AUXILIAR NA COMPREENSÃO LEITORA E NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA ENTRE ALUNOS DE NONO DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
2. Número de Participantes da Pesquisa: 39	
3. Área Temática:	
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes	
PESQUISADOR RESPONSÁVEL	
5. Nome: BIANCA DE FATIMA DOS SANTOS DIAS	
6. CPF: 022.591.224-42	7. Endereço (Rua, n.º): DURVAL GUIMARAES NETO CLIMA BOM OSMAN MACEIO ALAGOAS 57071510
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 82999213379
10. Outro Telefone:	11. Email: biaf_dias@hotmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p>Data: <u>15</u> / <u>05</u> / <u>2022</u></p> <p style="text-align: right;"><i>Bianca de Fatima dos Santos Dias</i> Assinatura</p>	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE	
12. Nome: Universidade Federal de Alagoas	13. CNPJ: 24.464.109/0001-48
14. Unidade/Orgão:	15. Telefone: (82) 3214-1041
16. Outro Telefone:	<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>Rita de Cássia Souto Maior S. Lima</u> CPF: <u>008123864-93</u></p> <p>Cargo/Função: <u>Direção da Faculdade de Letras</u></p> <p>Data: <u>14</u> / <u>05</u> / <u>2022</u></p> <p style="text-align: right;"> Documento assinado digitalmente RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA LIMA Data: 14/05/2022 11:43:21-0300 Verifique em https://verificador.iti.br</p> <p style="text-align: right;">Assinatura</p>
PATROCINADOR PRINCIPAL	
Não se aplica.	

ANEXO E - CARTA AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Assunto: Resposta(s) à(s) pendência(s)

Estamos encaminhando a esse colegiado a(s) resposta(s) levantada(s) no decorrer da análise ética do projeto de pesquisa intitulado “*O RAP COMO INSTRUMENTO AUXILIAR NA COMPREENSÃO LEITORA E NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA ENTRE ALUNOS DE NONO ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA*”. Respondendo assim as seguintes pendências.

ANEXO F - TALE – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da Pesquisa sob o título: **O RAP COMO INSTRUMENTO AUXILIAR NA COMPREENSÃO LEITORA E NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA ENTRE ALUNOS DE NONO ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA**

Seu responsável permitiu que você participe. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser e não terá nenhum problema se desistir. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato comigo, BIANCA DE FÁTIMA DOS SANTOS DIAS. Através do número (99213379); ligações a cobrar (se necessárias) ou através do e-mail (biaf_dias@hotmail.com). Residente EM DURVAL GUIMARAES NETO CLIMA BOM OSMAN MACEIO ALAGOAS 57071510

Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFAL- AL, telefone: (82)3214-1041, localizado Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões Cidade Universitária. Telefone: 3214-1041 – Horário de atendimento: 8:00h as 12:00h. E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com .

A pesquisa pode causar alguns riscos como constrangimento ou desconforto pelo fato de os alunos serem questionados. Assim, para contornar e evitar tais riscos a gente pode marcar e conversar com eles antes para eles não ficarem envergonhados. A gente fala pra eles que não mostraremos nada a ninguém. Não temos a intenção de deixar ninguém com vergonha ou força-los a responder os questionários. Caso alguém apresente algum desconforto ou incômodo durante a pesquisa, a gente agradece a participação e apaga todos os dados.

Este estudo tem como benefício contribuir para o desenvolvimento da leitura e produção textual de vocês.

Não há necessidade de se identificar, pois são resguardados o sigilo e a privacidade. Caso você não se sinta bem por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação a qualquer momento.

Caso queira retirar os seus dados coletados da pesquisa e deixar de participar deste estudo, não tem problema nenhum. Os dados coletados serão guardados por, no mínimo, 5 anos e, após esse período eu irei incinerar tudo. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pedir indenização.

Eu, _____ aceito participar da pesquisa. Entendi que posso desistir de participar a qualquer momento e que isto não terá nenhum problema. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

MACEIÓ, _____ de _____ de _____.

ANEXO G - IMAGENS DA ESCOLA

Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).



Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).



Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).



Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).



Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).



Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).



Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022).

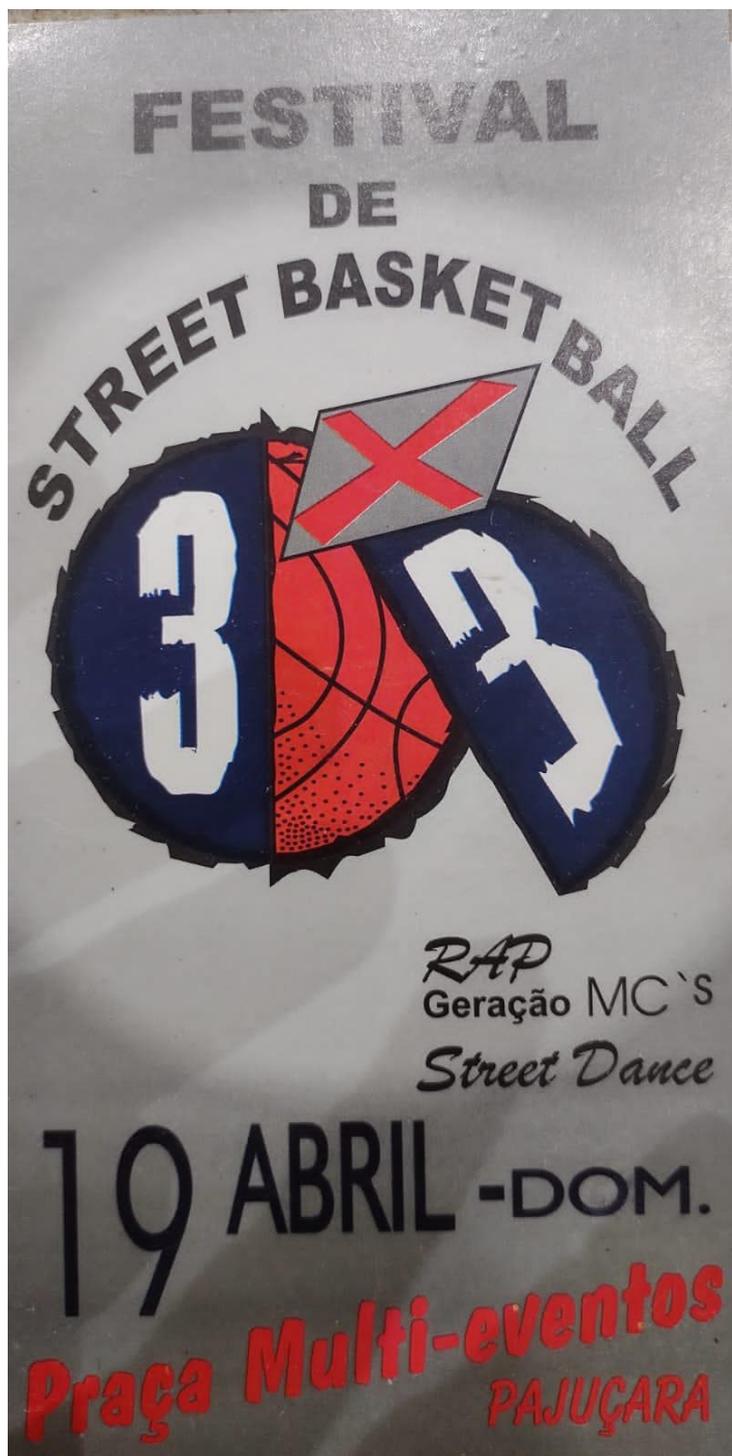


Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022)

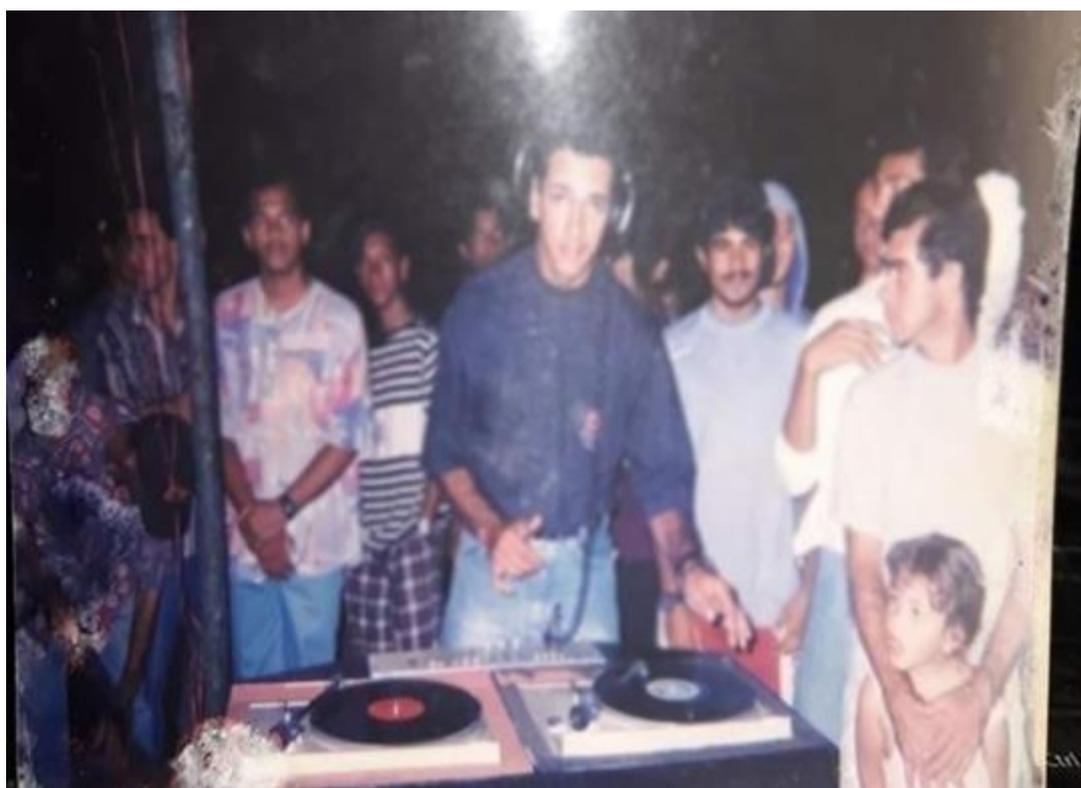
ANEXO H – ARI E CONVIDADOS PALESTRANDO PARA OS ESTUDANTES

Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa (2022)

ANEXO I - CARTAZES E APRESENTAÇÃO DE MCs



Fonte: acervo pessoal de Ari de Oliveira (2022).



Fonte: acervo pessoal de Ari de Oliveira (2022).